

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

Helier Balbinotti da Silveira

O professor e os seus personagens em sala de aula

Porto Alegre, 2012

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

Helier Balbinotti da Silveira

O professor e os seus personagens em sala de aula

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Comissão de Graduação do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof^a.Dr^a. Eunice Aita Isaia Kindel

Porto Alegre, 2012

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, eu gostaria de agradecer a você, leitor, pelo interesse em ler o meu trabalho. Tenha certeza que o trabalho foi feito com grande dedicação e animação.

A minha orientadora, Prof^a. Eunice, eu agradeço efusivamente por toda sua ajuda, organização, incentivo, sugestão, paciência e disposição que tornou mais tranquilo e produtivo o desenvolvimento do meu trabalho.

Eu agradeço a todos meus familiares, que de alguma forma me incentivaram e instruíram a ser o que eu sou hoje. Em especial, a minha tia Inês e meu tio Ivanildo pelas palavras sábias e conselhos úteis que foram importantes para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Ao meu primo, Stheve, também agradeço pela amizade de irmão e por mostrar admiração e orgulho quando exclamou aos quatros cantos: *“Eu tenho um primo na UFRGS!”*.

Agradeço do fundo do meu coração a minha querida mãe, a Dona Belmira, que se não fosse ela eu não teria nenhuma condição para lutar pelo meu estudo e formação. Agradeço-a todo o apoio, carinho, amor e mimos de uma mãe coruja batalhadora que sempre lutou para ter uma vida boa e digna. Tenho muito orgulho de ser seu filho.

Muito obrigado também aos professores e alunos que se dispuseram a responder as questões pertinentes ao trabalho. Também aos professores que ao longo da minha formação foram importantes para a construção do meu conhecimento e saber e aos meus alunos que eu conheci e aqueles com quem eu ainda leciono, pois a identidade e formação de um professor também são construídas com a interação de seus alunos.

Aos meus amigos, eu agradeço pela amizade sincera e franca e pelos momentos de conversa, descontração e risadas, elementos essenciais para o meu relaxamento e distração frente às adversidades da minha formação.

Eu agradeço a Dona Nora, avó da minha namorada, por ter me emprestado seu gravador de som e suas fitas cassete para efetuar as entrevistas deste trabalho e pelas conversas que me levaram a reflexão e outras às gargalhadas.

Em especial, eu agradeço a Juliana, meu amor, minha vida. Sou eterno grato por todo o apoio, carinho e amor dela. Agradeço-a pelas discussões construtivas e opiniões sobre a educação e o ensino que com certeza refletiu nas minhas divagações que culminaram nas conclusões deste trabalho. Agradeço-a por compreender que eu precisava de um tempo a mais para escrever este trabalho, por mais que isso tenha custado uma enorme saudade recíproca. Te amo.

"Creio que não se pode fazer nada de grande na vida se não se fizer representar o personagem que existe dentro de cada um de nós."

(Charlie Chaplin)

RESUMO

O autor deste trabalho, a partir da experiência vivida, seja trabalhando como docente em um curso pré-vestibular, seja nos estágios curriculares no ensino médio e fundamental, se propôs a estudar um recurso didático-pedagógico, muito usado em sua prática docente: o uso de personagens em sala de aula. O objetivo geral deste estudo é discutir se o uso de um personagem pelo professor em sala de aula pode influenciar positivamente no aprendizado dos alunos. Para iniciar o estudo foram entrevistados professores que utilizam ou já utilizaram algum personagem (seja caracterizado ou apenas interpretando o personagem ao contar uma história) em sua aula e também professores que não utilizam tal recurso para fins de comparação, totalizando sete professores entrevistados. Após, um grupo de trinta e cinco alunos de um curso pré-vestibular popular responderam um questionário com perguntas similares às realizadas com os professores. Tanto os professores quanto os alunos, em sua maioria, acham que uma aula com personagens promove o aprendizado do aluno, considerando que tal recurso permite que o mesmo vivencie diferentes estados, sentimentos e emoções. O lado humorado do recurso pode ser útil para catalisar o aprendizado. Apesar de que cada professor possui uma característica própria, o uso de personagens mostra-se um recurso válido e importante, contudo há limites, dependendo de como o professor utiliza tal recurso, o que exige uma reflexão constante de sua prática docente.

Palavras-chave: personagens em aula, aprendizagem, emoção, humor, escola.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 7 |
| 1.1 MINHA HISTÓRIA | 7 |
| 1.2 A IDEIA DE TRABALHO | 8 |
| 1.3 OS OBJETIVOS | 9 |
| 1.4 REFERENCIAL TEÓRICO | 10 |
| 1.4.1 O uso de personagens e o humor | 10 |
| 1.4.2 Definindo humor e a sua importância | 11 |
| 2. DELINEAMENTO METODOLÓGICO | 13 |
| 3. RESULTADOS | 17 |
| Tabela 1 | 18 |
| Tabela 2 | 19 |
| Tabela 3 | 20 |
| Tabela 4 | 21 |
| 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO | 26 |
| 4.1 CARACTERÍSTICAS DE UMA BOA AULA | 26 |
| 4.1.1 Visão do professor | 26 |
| 4.1.2 Visão do aluno | 28 |
| 4.2 AULA COM PERSONAGENS E LIMITES DO USO | 30 |
| 4.2.1 Visão do professor | 30 |
| 4.2.2 Visão do aluno | 31 |
| 4.3 EMOÇÃO E APRENDIZADO DO ALUNO NO USO DE PERSONAGENS | 34 |
| 4.3.1 Visão do professor | 34 |
| 4.3.2 Visão do aluno | 36 |
| 4.4 ESPONTANEIDADE DO PROFESSOR | 38 |
| 4.5 SUGESTÕES PARA A ESCOLA | 39 |
| 5. CONCLUSÕES | 41 |
| REFERÊNCIAS | 44 |
| ANEXOS | 46 |

1. INTRODUÇÃO

1.1 MINHA HISTÓRIA

Em certa disciplina da graduação, eu e meus colegas tínhamos que elaborar e apresentar uma aula de Ciências ou Biologia, que fosse diferente do ponto de vista pedagógico. O tema proposto pelo meu grupo foi “evolução”. No desenvolvimento das discussões acerca de como fazer a mencionada aula, um dos meus colegas propôs a ideia de eu ir caracterizado de “Jesus Cristo”, tendo em vista que meu colega sabia da existência dessa vestimenta, pois eu a tinha confeccionado para uma festa à fantasia. A ideia foi recebida com surpresa e dúvida por minha parte, mas achei bem interessante e condizente com a proposta da disciplina. Eu, então, iria explorar a ideia “criacionismo” (fixismo) versus “evolução” (transformismo). Como resultado, os meus colegas da disciplina, no dia da apresentação, demonstraram simpatia pela ideia e acharam muito divertida.

Em torno do sexto semestre da graduação, eu decidi começar a dar aula em curso preparatório para concurso vestibular (curso pré-vestibular popular) para sentir na prática o que eu estava vendo na teoria nas aulas da Faculdade de Educação e, também, como eu pretendia iniciar meus estágios docentes no ano seguinte, eu queria obter certa experiência para não me assustar com uma turma no momento de iniciar meu estágio. Neste ano de curso, eu utilizei novamente o personagem de Jesus em uma aula, com cerca de seis alunos, sobre “evolução”, o que na prática funcionou, com alunos mais interessados e envolvidos, sendo que os mesmos gostaram da iniciativa.

No ano seguinte, eu novamente utilizei o Jesus, contudo o tema era “origem da vida”. Eram outros alunos e a sala estava cheia com cerca de cinquenta alunos. Quando eu entrei muitos alunos vibraram e vários sentimentos e expressões corporais foram visualizados: risadas, sorrisos, espanto, surpresa, divertimento, alegria. Notei que eles adoraram e que a aula fluiu melhor e mais naturalmente com alunos mais atentos e interessados. Por esse motivo, eu comecei a usar mais personagens em sala de aula com diversos propósitos, o que facilitou o desenvolvimento da minha prática pedagógica de forma mais didática e da minha identidade docente.

Com o tempo, eu comecei a explorar melhor os personagens, articulando-os mais com a Biologia. Então, eu percebi que o recurso pode auxiliar na explicação e

entendimento, principalmente em assuntos mais abstratos. Por exemplo, em uma aula eu fui caracterizado de “emo” (grupo de jovens que apresentam um estilo próprio ligado ao gênero rock e uma alta sensibilidade, sendo muitas vezes taxados de “chorões”) para representar, como trocadilho, a proteína “hemoglobina”. Como eu próprio era a proteína, então, eu pude representar as funções dela, tais como a ligação ao gás oxigênio, de modo que eu escrevi em uma folha a palavra “Fe” e a coleí em meu peito, uma vez que o Fe (ferro) é o elemento químico da proteína que se liga ao oxigênio. Após muitas aulas quando eu retorno ao assunto, os alunos normalmente lembram-se do elemento Fe e sua relação com o transporte de oxigênio no corpo humano.

Hoje em dia, eu ainda utilizo tal recurso didático-pedagógico, contudo eu procuro mais me questionar se, de fato, essa prática escolhida é uma boa opção, que caminhos ela deve ou pode tomar, que mudanças podem ser feitas ou reconstruídas. Em síntese, o recurso “uso de personagens em sala de aula” é uma prática válida no ensino?

1.2 A IDEIA DE TRABALHO

A ideia deste trabalho surgiu devido às observações e aulas realizadas nos estágios em docência. No período de estágio em Biologia no Ensino Médio, eu me questionei se o perfil do professor poderia influenciar na maneira que os alunos se interessam e aprendem em sala de aula. Durante o período de estágio em Ciências no Ensino Fundamental, eu procurei trabalhar as minhas aulas com elementos pedagógicos diferentes que visavam o humor e a atenção do aluno, com o intuito de torná-las mais agradáveis. Um desses elementos presente foi o uso de personagens caracterizados, sendo que figurinos (roupas, acessórios, maquiagens) foram usados para tal propósito. Em uma dessas aulas, conforme já mencionei anteriormente, eu me caracterizei de “Jesus Cristo” e expliquei a teoria “criacionista” fazendo menção a temática “origem da vida”. Em outra aula, eu tive o interesse de passar a ideia de “amizade”, assim eu me vesti de “anjo”, considerando, em minha percepção, que esses seres mágicos são amigos dos humanos. No dia da criança, eu me transformei em um “palhaço” de circo na tentativa de animar os alunos e distribuir balas. Para explicar um experimento de um cientista, eu fiz a caracterização de um “senhor velho” como sendo o amigo do cientista e também pai do professor estagiário. De alguma forma esses personagens eram

elementos que foram utilizados como ferramentas pedagógicas para explicar algum assunto e/ou envolver os alunos com a própria aula, tornando-a mais criativa, por conseguinte, mais divertida e interessante.

Além da experiência vivenciada no estágio, eu já trabalhava como professor de Biologia em um curso popular preparatório para o ENEM e concurso vestibular e, da mesma forma, eu também me caracterizada neste curso com diversos personagens, muitos com propósito educativo, muitos com a intenção de animar os alunos em contrapartida à proximidade das provas de seleção às universidades. Tanto no cursinho quanto no estágio, eu dialoguei com vários alunos que aprovaram tal tipo de aula e a maioria deles, independente da idade, demonstravam satisfação e incentivo para que minha iniciativa se tornasse constante.

Do meu ponto de vista, eu notei que em certas aulas tal prática foi positiva, com alunos sendo mais atentos e interessados. Assim, eu fiquei interessado em estudar quais imagens os professores apresentam e como os alunos os veem, e, além disso, estudar o uso pelo professor de um personagem, caracterizado ou não, como sendo um possível diferencial que pode, talvez, influenciar o aprendizado dos alunos e tornar a sala de aula um local mais confortável, interessante e alegre.

1.3 OS OBJETIVOS

No contexto acima explicado, algumas temáticas específicas eram propostas de estudo no trabalho:

- Quais são os tipos de personagens adotados pelos professores em sala de aula?
- Relato das características dos professores ditos “tradicionais”, ou seja, professores que utilizam sempre os mesmos recursos pedagógicos comuns a outros professores, utilizando pouco sua criatividade;
- Motivos que levam um professor a se tornar “tradicional”: são motivos culturais, sociais, pessoais e/ou financeiros?
- Relato das características dos professores criativos, principalmente os que fazem uso de recursos teatrais em sala de aula, seja usando um figurino ou contando uma história;

- Como o uso de personagens pode ajudar a experiência docente?
- A importância que tem a representação do professor para o aluno, ou seja, se o comportamento do docente, seja teatral ou não, faz alguma diferença para ele e se há alguma influência em seu aprendizado e vivência.

Cabe mencionar que ao longo do desenvolvimento deste trabalho, alguns desses objetivos propostos no projeto não foram diretamente alcançados, em decorrência do tempo para o desenvolvimento ser curto, assim foi dada preferência ao foco principal – o uso de personagens em sala de aula – de modo que este tema foi sendo desmembrado em temas específicos que concernem ao principal, dada a sua importância para o trabalho.

1.4 REFERÊNCIAL TEÓRICO

1.4.1 O uso de personagens e o humor

Este trabalho visa pesquisar como o uso de personagens em sala de aula pode influenciar o ensino e o aprendizado dos alunos.

Devido ao assunto escolhido para o referido trabalho será utilizado como principal referencial teórico o estudo publicado por Lulkin, em 2007. Para esse autor:

Algumas das situações improvisadas na sala de aula, como a criação de um personagem, um corpo e uma voz diferentes do habitual, não são necessariamente teatrais, no sentido de se direcionarem para algum espetáculo. A ficção cotidiana, uma breve invenção, é que se arma nesse cenário. É o campo de ação pedagógica, no caso de professores em sala de aula, que se torna habitado por esses personagens paródicos (LULKIN, 2007, p.5).

Muitas vezes o humor e o riso estão ligados à caracterização de personagens, de modo que para Lulkin (2007, p.1), "*o humor e o riso estão presentes em diversos eventos que habitam o espaço institucional, mas nem sempre estão autorizados dentro do processo pedagógico*". Lulkin (op.cit, p.3) relata que ao entrevistar professores, embora esses buscassem explicar o humor como um aliado, parecia haver "*sempre uma manifestação de desgaste em relação à profissão de tal modo que nem mesmo a idéia*

de um bom humor ou do uso de recursos da categoria do cômico poderia suplantar uma baixa de ânimo geral".

Na maioria dos casos, não é dada a devida importância para o humor na escola, o que mostra que o humor é visto como algo a ser censurado nessa instituição, pois é propagada a ideia de que a escola é lugar para seriedade (sim e deve ser) e o humor vem de encontro a essa ideia. Acho que pensam que com o humor a escola poderia perder o controle e se tornar leviana. Segundo a pesquisa de Pereira (2009), um aluno disciplinado em sala de aula não quer dizer que o mesmo seja interessado ou que esteja de fato entendendo a aula, de modo que eu questiono se um rigor tão explícito nas escolas não é exagerado, a ponto de excluir aspectos alegres na dinâmica das aulas e, adiante, fazer com que o aprendizado dos alunos seja totalmente forçado e não se concretize.

Será que a escola evita o humor com o intuito de evitar a indisciplina? Ou será que não estão confundindo o humor como algo exagerado, tendo em vista que há diferentes tipos de humor e muitos são realmente utilizados de forma questionável dependendo do contexto? Há tipos de humor questionáveis quanto a sua relevância, o problema é generalizar e defini-lo como algo pejorativo a ser usado na escola. Afinal, como definir o humor, por exemplo, quanto ao uso de um personagem, como um recurso importante na educação?

1.4.2 Definindo humor e a sua importância

Há muitos autores com diversas definições para a palavra “humor”. Como não é o foco do trabalho, apesar da importância em conceituar este termo, optei pela definição do famoso naturalista inglês, figura de inegável prestígio para as Ciências Biológicas, Charles Darwin. Esse estudioso definiu humor em seu livro intitulado “A expressão das emoções no homem e nos animais” de 1872 da seguinte forma:

Uma coisa incongruente ou chocante, produtora de surpresa e de um sentimento mais ou menos marcado de superioridade – achando-se por outro lado o espírito em uma feliz disposição – parece ser na maioria dos casos a causa provadora do riso (...). As circunstâncias que as produzem não devem ser de uma importante natureza (*apud* JABLONSKI E RANGÉ, 1984).

Da mesma forma, eu acho que o humor é uma situação que deve surpreender e/ou chocar o interlocutor, como o uso de um personagem em sala de aula pode promover tal situação no aluno, uma vez que é incomum para o aluno experimentar uma situação de “fuga” dos padrões escolares. O que ele está acostumado é receber um professor tradicional, com movimentos, gestos, falas e vestimentas comuns ao cotidiano escolar.

“*O espírito em uma feliz disposição*” – a frase de Darwin que mais definiu o humor. A felicidade é a principal consequência do humor e a partir desse sentimento que devemos dar crédito e valorizar o uso do humor. E como Charles Darwin diz, o humor “*parece ser na maioria dos casos a causa provadora do riso*”. Assim, o humor nem sempre desencadeia risos ou mesmo gargalhadas, não é obrigatório na minha concepção. Porém, é inevitável que o humor traga consigo um *status* de alegria, de bem-estar e harmonia.

Uma situação feliz no âmbito educacional é importante e poderia ser um tanto obrigatória para a realização da ação pedagógica dentro da escola. O autor Justo (2006), um segundo referencial teórico, considera que:

A apropriação do humorismo pela pedagogia é inevitável dentro do quadro atual de flexibilização, expansão da linguagem e mobilidade dos lugares psicossociais e da subjetividade. O humor pode contribuir, sobretudo, para retirar dos afazeres de ensino-aprendizagem aquela atmosfera carregada de tristeza, pesar e sofrimento. O tom de alegria e descontração do humor pode tornar mais prazerosa e divertida a convivência com os pares na sala de aula e com tarefas relacionadas ao conhecimento (p. 123).

O humor, que tem uma ligação com a alegria, apresenta-se como um recurso de suma importância para transformar a subjetividade e o mundo. Tanto o riso quanto a alegria exercem influência no sentido de constituir o sujeito, tanto no que se refere à formação do “Eu” quanto na percepção do “Outro”, de modo a auxiliar na própria descoberta de si mesmo, como sujeito que existe no mundo (JUSTO, 2006).

Por meio do humor “*conseguimos vencer constrangimentos para abordar assuntos políticos, religiosos e, ainda, ridicularizar personagens e situações com uma ousadia jamais conseguida por outras vias de linguagem*” (JUSTO, 2006, p. 108).

Para Justo (2006) o humor tem a característica de quebrar determinadas censuras quanto ao seu uso, tendo em mente que ideias e desejos reprimidos na sociedade são muitas vezes o alicerce para ação humorística. Essa quebra é deslocada na linguagem do

humor como um disfarce, quando, por exemplo, o humorista representa um sujeito utilizando algum objeto relacionado a ele ou a aparência do mesmo, como um penteado.

Conforme as palavras do mesmo autor citado no parágrafo anterior, “*o humor suaviza o enfrentamento de situações e assuntos problemáticos, constrangedores e angustiantes dissimulando e travestindo o sentido daquilo que está sendo expresso na linguagem e na interação*” (JUSTO, 2006, p. 117). Assim, o uso de personagens em sala de aula como forma de humor pode atuar no sentido de tornar a linguagem entre os envolvidos mais interessante, dinâmica e acessível, facilitando a interação de ambas às partes (aluno/professor). Melo (2011) concluiu em sua pesquisa que o humor é um interessante recurso na educação no sentido de que ajuda no entendimento do aluno no que refere ao conteúdo proposto e na relação do educador com os seus alunos, tornando mais forte a aproximação de ambos.

O professor deve estar atendo às mudanças da cultura no qual está inserido, de modo que “*A sociedade hoje não demanda mais aquele sujeito reto, coerente, sério, compenetrado, profundo e intransigente, mas sim esse sujeito móvel, plástico, flexível, mutante, ‘livre, leve e solto’, construído à maneira do discurso cômico*” (JUSTO, 2006, p. 123 e 124).

2. DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O estudo iniciou com a elaboração de uma entrevista para professores, visando definir questionamentos que abordassem as representações “teatrais” utilizadas pelo professor, seus recursos pedagógicos, o surgimento de novas ideias e a percepção da efetividade ou falha destes recursos no que diz respeito a sua própria ação docente, assim como na ação promovida pelas instituições escolares de modo geral.

Em um segundo momento foi elaborado um questionário conforme os resultados obtidos nas entrevistas, sendo que tal questionário foi dirigido aos alunos dos professores entrevistados com o intuito de se ter a visão tanto do sujeito que ensina quanto do sujeito submetido ao respectivo ensino.

As entrevistas foram realizadas com professores que possuem alguma característica relacionada a uma personificação em sua didática durante a aula. Tal personificação poderia ser a utilização de figurinos, mas também a imitação de

personagens utilizando gestos ou vozes diferentes, seja eventualmente em uma explicação, seja no momento de contar alguma história ou situação engraçada. Para fins de comparação, o estudo também foi feito com professores que não possuem tais características propostas para o estudo em questão.

O estudo direcionou-se aos professores de instituições escolares da rede pública e privada, assim como aqueles que lecionam em cursos preparatórios para concursos vestibulares. A princípio seriam submetidos à pesquisa os professores de Ciências e Biologia, contudo na ausência de características buscadas pelo estudo nesses professores, tiveram que ser pesquisados professores de outras disciplinas. Apenas um professor de Biologia, que utiliza um pouco de humor, mas não utiliza nenhum personagem ou algum recurso próximo, foi entrevistado.

A quantidade de entrevistas realizadas não é um imperativo para o trabalho, pois esse é um estudo que visa à análise qualitativa dos dados obtidos, ou seja, propõe-se a registrar diferentes falas, discursos, visões dos entrevistados, dos colaboradores da pesquisa e das fontes investigadas, dando uma atenção maior aos sujeitos e suas representações no campo da educação (BOGDAN E BIKLEN, 1994).

Com base no referencial teórico utilizado neste trabalho as respostas obtidas nas entrevistas e no questionário foram organizadas e analisadas para tornar possível realizar inferências sobre as particularidades das respostas e o que representam conjuntamente. Apesar de que foram utilizados dois tipos de abordagens (entrevista e questionário) para coleta de dados, a meu ver “*o que dá caráter qualitativo não é necessariamente o recurso que se faz o uso, mas o referencial teórico/metodológico eleito para a construção do objeto de pesquisa e para análise da material coletado no trabalho de campo.*” (DUARTE, 2004, p. 214 e 215).

Primeiramente, uma entrevista piloto foi realizada com um professor de curso pré-vestibular popular que seja conhecido por utilizar personagens em aula (*a*) e com um professor do mesmo curso, mas que não utiliza tal recurso (*b*). Além disso, tanto o professor *a* quanto o professor *b* foram selecionados levando-se em conta que as suas aulas são consideradas boas por parte dos seus alunos.

Cada entrevista foi realizada pessoalmente por mim, tendo sido utilizado um gravador de som para registrar as respostas do entrevistado, as quais foram posteriormente transcritas da gravação para este trabalho.

A seguir apresento as perguntas que foram feitas aos entrevistados:

- 1) Por que você acha que suas aulas são consideradas boas por parte dos alunos?*
- 2a) Porque você escolheu utilizar tais recursos pedagógicos em sua aula (humor, figurinos, histórias)?*
- 2b) Porque você não utiliza tais recursos (humor, figurinos, histórias)?*
- 3) Quais estratégias a escola poderia fazer para que o aluno se sinta mais interessado e feliz pelas aulas?*
- 4) Imagine uma aula em que um professor de biologia, que para explicar um conteúdo referente à teoria do naturalista “Darwin”, se veste como o próprio “Darwin” e começa a contar a história desse naturalista, encarnando o próprio. O que você acharia dessa aula?*

Para o professor *a* foi feita a questão *2a*. Em contrapartida a *2b* para o professor *b*, uma vez que o objetivo inicial do estudo é relatar os motivos do uso de personagens em sala de aula e os motivos de não usar.

Ao longo das entrevistas, novas perguntas, não previstas, foram feitas aos diferentes entrevistados, conforme a conversa foi se desenvolvendo. As perguntas adicionais podem ser visualizadas nos ANEXOS deste documento, que traz as entrevistas na íntegra, e as perguntas, tanto as previstas quanto as adicionais, foram escritas conforme a ordem decorrente da entrevista.

O fato de que perguntas não previamente estruturadas foram feitas não significa que a entrevista foi precária ou perdeu o foco da pesquisa. Os objetivos propostos estavam presentes nas perguntas estruturadas (havia um roteiro prévio), assim como estavam bem definidos em minha mente no momento da entrevista; de modo geral, eu tinha algum conhecimento ou noção do que poderia inferir e questionar no que concerne aos objetivos do trabalho dependendo do contexto de cada professor quanto à realidade das instituições escolares ao qual estava inserido; buscou-se realizar uma entrevista informal, mas sem perder os objetivos do roteiro, ainda que em alguns momentos haja desvios de ideias. Essas características descritas são requisitos exigidos para uma boa entrevista conforme Duarte (2004).

Muita informação foi transmitida nas entrevistas, contudo foi dada a devida importância para as respostas relacionadas aos objetivos do estudo. A entrevista em si pode ocasionar uma reflexão momentânea no sujeito entrevistado quanto a si e seu contexto (DUARTE, 2004). Essa reflexão pode acarretar em respostas, talvez não menos importantes, porém não atribuídas ao que realmente importa nesta pesquisa, assim é válida a filtragem do que vai ser tomado como resultado e, por conseguinte, analisado.

De início, os dois primeiros entrevistados seriam professores conhecidos por mim, uma vez que são meus colegas de trabalho em um curso pré-vestibular. Os demais foram escolhidos conforme indicação de professores de meu contato que conhecem diversos docentes com características peculiares, tais como aqueles que utilizam personagens, foco deste estudo. Aos próprios entrevistados, também, foi sondada alguma possível indicação de contato para realização de tal pesquisa.

Para realizar as entrevistas, eu me dirigi às instituições escolares nas quais os professores estavam presentes ou aos locais escolhidos pelos entrevistados, conforme conveniência de cada um. Eu não tive problemas para marcar os encontros, nem de encontrar o entrevistado e realizar os questionamentos, à exceção de um professor que me avisou pessoalmente que não poderia fazer a entrevista, pois estava em reunião, de modo que eu tive que retornar em outro momento.

Quanto ao desenvolvimento e dinâmica das entrevistas, o único problema que ocorreu com alguns professores foi o desvio da resposta de uma ou outra pergunta, ficando complicado de entender qual era a opinião do entrevistado. Esse fato só foi constatado no momento de eu escutar diversas vezes e transcrever a entrevista do gravador para o trabalho escrito. Talvez o motivo de tal desvio seja o não-entendimento da questão por má formulação da própria e não por desvio proposital.

O questionário realizado com os alunos apresenta as seguintes questões:

- 1) *Quais características uma aula tem que ter ou pode ter para ser considerada boa? (Mencione se possível qual seria a postura e didática do professor e que elementos são importantes).*
- 2) *Qual é a sua opinião sobre uma aula em que o professor utiliza algum personagem, seja caracterizado ou contando uma história (que pode ter humor ou não)?*
- 3) *Cite pontos positivos e negativos quanto ao recurso citado anteriormente.*
- 4) *Você sente alguma emoção quando o professor utiliza algum personagem? Por quê?*
- 5) *Você acha que aprende dessa forma? Aprende melhor? Por que você acha isso?*

A ideia inicial era entrevistar alunos de cada um dos professores entrevistados, contudo, se tornou inviável tal procedimento devido ao curto tempo disponível para realizar a pesquisa. Assim, por questões de maior facilidade e agilidade para obtenção dos dados, o questionário foi direcionado aos meus alunos, já conhecedores do meu recurso didático (uso de personagens) e maiores de 18 anos, do cursinho no qual eu trabalho o que permitiu que os próprios pudessem assinar os Termos de Consentimento Informado.

Os questionários foram entregues em um dia e recolhidos no dia seguinte, tendo em vista que os alunos não tiveram problemas de entendimento das questões e souberam respondê-las; salvo a exceção de um aluno que não respondeu as duas últimas questões. Como os alunos só receberam um questionário e isso equivale a um roteiro prévio, as respostas não sofreram desvios para assuntos não condizentes às questões ou a um raciocínio próprio de resposta ao questionamento.

Apesar das diferenças, tanto a entrevista quanto o questionário, foram métodos importantes e válidos para o desenvolvimento desta pesquisa. A entrevista tem caráter de aprofundar as questões propostas e coletar um maior número de indícios da percepção do entrevistado em menção a sua realidade (DUARTE, 2004). Neste caso, maior tempo foi necessário para o desenvolvimento e conclusão. Já o questionário, apesar da magnitude de reflexões ser reduzida, apresenta-se como um recurso mais adequado quando já se tem indícios, por exemplo, gerados a partir de uma entrevista, e também quando se tem pouco tempo de trabalho disponível, tendo em vista que entrevistas não são de cunho obrigatório na realização de um trabalho de pesquisa qualitativo, como menciona Duarte (2004).

3. RESULTADOS

Após a realização das entrevistas com sete professores e do preenchimento dos questionários feito por trinta e cinco alunos, as respostas relacionadas a temas importantes para este trabalho foram agrupadas em tabelas conforme o seu autor e sintetizadas de forma concisa e pertinente. Algumas respostas foram transcritas exatamente como o autor disse ou escreveu e apresentadas entre aspas, uma vez que essas respostas eram tão pertinentes que um possível erro na reprodução poderia conter erros de entendimento ou de conservação da ideia original e tendo em vista que uma frase interessante neste contexto chamaria mais a atenção do que apenas retirar as ideias contidas nela. Por questões de ética os nomes dos professores e dos alunos não serão usados, assim optou-se em nomear cada professor conforme um personagem de teatro (*commedia dell'arte*) e como os alunos são muitos a opção foi em numerá-los apenas de 1 a 35.

As opiniões de cada professor estão contidas nas tabelas 1, 2 e 3. Na tabela 1 são mencionadas as estratégias (recursos) de realização de aula de cada professor questionado; na tabela 2 são apresentadas as características de cada profissional para que sua aula seja considerada boa, a opinião referente à espontaneidade de cada professor em utilizar diferentes estratégias de aula e sobre a utilização do recurso com personagens; e, por fim, na tabela 3 são mostradas as opiniões dos docentes quanto à possibilidade de haver afetividade (ou emoção) no aluno ao se usar personagens, os limites deste uso e que estratégias a escola poderia adotar para transformar a aula em um ambiente mais alegre e interessante.

As respostas dos alunos foram agrupadas na tabela 4, dividida em cinco partes por questões de espaço nas páginas deste documento. As opiniões de cada aluno são apresentadas no que se diz respeito a três temáticas: quais elementos uma aula tem que ter para ser considerada boa; o que acha sobre uma aula em que o professor utiliza personagens; e se sente alguma emoção quando o professor utiliza algum personagem e se o uso desse recurso interfere no seu aprendizado.

Tabela 1: Respostas dos professores entrevistados quanto às estratégias de aula utilizadas.

| Professor | Estratégias de aula | | |
|--------------------|---|---|---|
| | Personagens | Humor | Outras |
| <i>Pierrot</i> | Utiliza figurinos em algumas aulas; interpreta os personagens; conta histórias para encarnar o contexto | | |
| <i>Polichinelo</i> | Não se considera artístico ou com tal criatividade | | Às vezes, utiliza multimídia |
| <i>Pedrolino</i> | Diz que não utiliza | Lida com as coisas de forma bem humorada; “ <i>Acredito que o humor constrói conhecimento</i> ” | Utiliza jogos; recursos do teatro (palhaço) |
| <i>Colombina</i> | Utiliza figurinos em muitas aulas; contador de histórias no estilo <i>Stand up Comedy</i> | Utiliza e já fez cursos para aprimorar | Traz músicas e toca no violão; utiliza vídeos; aula na rua de frente ao colégio |
| <i>Dottore</i> | Não utiliza, pois não é o seu perfil | Diz não utilizar, mas já contou alguma piada por acaso | Utiliza vídeos, redes sociais, internet |
| <i>Pantalone</i> | Não utiliza, pois se não sentiria bem usando um figurino | Diz que não costuma contar muita piada, mas é irônico e sarcástico por natureza | |
| <i>Arlequim</i> | Utiliza seguidamente com figurinos; usa histórias em diferentes contextos históricos | Até brinca, mas diz que não utiliza o humor | Utiliza vídeos; <i>powerpoint</i> ; saídas à museus ou ao ginásio da escola |

Tabela 2: Respostas dos professores entrevistados quanto às características de uma boa aula, opinião quanto à espontaneidade do professor no uso de suas estratégias de aula e opinião sobre uma aula utilizando personagens.

| Professor | Característica de uma boa aula | Espontaneidade quanto ao uso de estratégias de aula | Opinião sobre uma aula com personagens |
|--------------------|--|--|---|
| <i>Pierrot</i> | Preocupação com o aprendizado; professor com bom caráter; fazer diferença para o aluno (surpresa); interação com o aluno | <i>"... é coisa de cada profissional, ninguém tem obrigação de ser um piadista ou humorista, ou de ser uma pessoa séria o tempo todo."</i> | Válido, pois desperta o interesse do aluno. Extremamente produtivo e deve ser usado como recurso |
| <i>Polichinelo</i> | Simplificação do conteúdo; uso do cotidiano dos alunos; exemplos práticos | <i>"Tu acaba aprendendo a lidar com cada situação"</i> | Atrativo, desperta o interesse dos alunos quanto ao personagem e seu contexto |
| <i>Pedrolino</i> | Dinâmica; envolvimento do aluno; aula interessante; aula com graça, mas sem "bobajada" | <i>"Mas é muito uma característica minha (...) Eu me dou muitos direitos na sala de aula (...) É totalmente espontâneo."</i> | Depende de como o professor aproveita o recurso. Se criar uma conexão com os alunos e que não seja superficial ou descontextualizado, é válido e bom |
| <i>Colombina</i> | Surpreender caracterizado; dar aula com paixão; maior proximidade com os alunos | <i>"... eu sempre quis fazer alguma coisa diferente (...) Tu pode descobrir umas coisas."</i> | <i>"... surpreender o aluno com qualquer figurino é algo fascinante"</i> ; aluno se sente mais seguro para falar (maior aproximação); maior interesse |
| <i>Dottore</i> | Contextualização do conteúdo; Uso de tecnologia digital como metodologia | <i>"O professor tem se descobrir, ele tem descobrir seu talento."</i> | Válido e interessante; fator motivacional extrínseco; positivo desde que seja dentro de uma moral e de uma ética |
| <i>Pantalone</i> | Planejamento conforme eu, professor, gostaria de assistir uma aula e ser ensinado (se colocar no lugar do aluno) | Com a prática o professor vai montando o seu ser; <i>"Em sala de aula eu já visto um personagem"</i> | Positivo, se fluir com naturalidade; se não, pode parecer forçado e ser uma aula sem graça; desperta interesse, atenção, simpatia; estabelece um elo |
| <i>Arlequim</i> | Contextualização do conteúdo; uso de um personagem histórico como elemento surpresa | O uso de personagem começou em uma brincadeira de conteúdo que deu certo | Recurso positivo; o aluno fica mais ligado na aula; depende da característica de cada professor para usar |

Tabela 3: Respostas dos professores entrevistados quanto à possibilidade de afetividade (ou emoção) e aprendizagem no uso de personagens, os limites desse uso e sugestões de mudanças para tornar o ambiente escolar mais alegre e interessante.

| Professor | Afetividade (emoção) e aprendizagem no uso de personagens | Limites quanto ao uso de personagens | Sugestões para tornar a escola um ambiente mais alegre e interessante |
|--------------------|---|---|---|
| <i>Pierrot</i> | Despertar uma emoção no aluno, colocar o aluno dentro de uma situação-problema e instigá-lo a pensar sobre | Vai depender de como o professor torna o uso constante. Tem que ter talento e dedicação para criar uma expectativa no aluno | Despertar algum tipo de emoção no aluno, seja emoção da atenção ou do fascínio; Utilizar o máximo de recursos possíveis na educação |
| <i>Polichinelo</i> | Pode criar certa emoção, fazendo que o aluno tenha interesse, tanto pelo fator emocional quanto pelo fator curiosidade; acha que o aluno aprende | O professor deve sentir se está agradando ou não, avaliando o uso (autocrítica) | Uso de personagens; interdisciplinaridade; maior comprometimento da escola e dos professores; utilizar o máximo de recursos possíveis na educação |
| <i>Pedrolino</i> | Humor gera emoção, pois gera comprometimento recíproco; depende de como o professor aproveita o recurso; se criar conexão entre professor/aluno é positivo; permite que o aluno imagine | Não é válido se não garantir um envolvimento e reflexão por parte do aluno ou se for vulgar ou só uma forma de se esconder | Mudança de ambiente; sair de dentro da sala convencional; maior consciência do professor quanto a sua identidade |
| <i>Colombina</i> | Desperta um lado emocional, sendo que o humor é um catalisador para o aprendizado; o aluno pode entender que brincando ele pode aprender | Cada sala e cada aluno tem seu momento para o uso desse recurso; usar sempre, pode cansar o aluno | Dar aula com paixão e sedução: " <i>acredito que através disso, acho que você pode mudar alguns conceitos em educação</i> " |
| <i>Dottore</i> | Acha que o uso pode invocar no aluno uma emoção e interferir de forma positiva no aprendizado | Tem que ter limites; " <i>qualquer ação sozinha e desintegrada não vai repercutir dentro de uma rede de ações</i> " | Diminuir o tempo de aula; mudar a concepção de que os alunos de hoje em dia são os mesmos do passado; transdisciplinaridade |
| <i>Pantalone</i> | Influencia no aprendizado; não gera necessariamente afetividade; gera afeto quando o aluno sente que o professor se preocupa com o seu aprendizado | Tem limites dependendo da característica do professor; se não é espontâneo pode ser prejudicial | Pensar e adaptar muito bem a cada realidade; analisar cada turma e traçar planos próprios; professor deve dar liberdade ao aluno, mas também ser um norteador |
| <i>Arlequim</i> | Facilita o aprendizado; às vezes os alunos ficam assustados, estranham; alunos sentem emoção, pois gostariam de ter vivido na época do personagem | Afirma que não tem limites | Mudança de ambiente; sair de dentro da sala convencional |

Tabela 4: Respostas dos alunos quanto às características de uma boa aula, opinião sobre uma aula em que o professor utiliza personagens e opinião quanto à possibilidade de emoção e aprendizagem quando o professor utiliza tal recurso.

| Aluno | Características de uma boa aula | Opinião sobre uma aula com personagens | Emoção e aprendizagem no uso de personagens |
|-------|--|---|--|
| 1 | Interação entre professor/aluno; piadas e/ou risos para descontrair | Aula interativa, descontraída; Tira o sono, cansaço, preguiça; " <i>Não ter aula com a mesma pessoa sempre</i> "; sem pontos negativos | Não diria que sente emoção, mas gosta e acha divertido. Aprende assim, pois ajuda a lembrar da aula |
| 2 | Didática, contato e interação com o aluno; instigar o interesse; capacidade e domínio em aplicar um conteúdo | Recurso engraçado; demonstração de interesse do professor para com seu empenho; motivacional; não é o melhor recurso | Não sente emoção e não aprende melhor, mas aprende o que é passado de conteúdo |
| 3 | Postura boa e brincadeiras; vídeos | Diz apenas que gosta e não se incomoda em nada; nada negativo | Já sentiu emoção, quando o professor se vestiu de "mãe", pois lembrou da mãe falecida; sempre aprende algo e importante |
| 4 | Troca entre professor/aluno; conversação (entendimento) aluno/professor; ambos gostar da troca | Depende da matéria; válida, pois facilita a memorização; articulação com a matéria; atenção; negativo se o aluno prestar atenção só no personagem | Sente alegria; se diverte enquanto aprende; às vezes aprende melhor |
| 5 | Interação entre professor/aluno | Ótima, aula mais alegre, divertida e descontraída; ajuda a fixar a matéria; se não fugir do assunto | Sente emoção, pois a aula é alegre e positiva; aprende sim, pois interage junto com o professor |
| 6 | Motivação; atividades lúdicas; troca entre professor/aluno | Perfeita; fuga do tradicional; articulação com a matéria; maior praticidade; facilita e agiliza a compreensão; negativo se alunos levar só na brincadeira | Sente emoção, pois motiva a estudar; aprende melhor, pois prende atenção e a matéria deixa de ser chata |
| 7 | Ensinar com uma linguagem acessível; explicação da base para o complexo; simpatia e disposição do professor; ligação com o cotidiano | Acha bom, pois facilita a fixação e memorização; alunos perdem a vergonha na interação; negativo se perder o foco da aula | Sente emoção, fica feliz ao perceber o esforço do professor em facilitar e dinamizar a aula; Aprende melhor, pois ajuda comparar e gravar o conteúdo |

Tabela 4: Respostas dos alunos quanto às características de uma boa aula, opinião sobre uma aula em que o professor utiliza personagens e opinião quanto à possibilidade de emoção e aprendizagem quando o professor utiliza tal recurso.

| Aluno | Características de uma boa aula | Opinião sobre uma aula com personagens | Emoção e aprendizagem no uso de personagens |
|-------|---|--|---|
| 8 | Dinâmicas diferenciadas; práticas com música, vídeos, debates | Chama a atenção; dinâmica para os alunos interagir; descontração; aula não se torna cansativa, principalmente para quem está cansado do trabalho | Sente emoção, pois descontra e cansa menos; recorda e memoriza melhor o assunto, pois relaciona personagem/conteúdo |
| 9 | Conhecimento e atualização do professor; gostar e se dispor em dar aula; didática oral e escrita simples e objetiva; recursos tecnológicos | Recursos lúdicos sempre são bem-vindos; negativo se houver uma interpretação negativa (necessitando pulso e compreensão do professor) | "A interação (...) é sentida como consideração, amizade, interesse e amor."; Aprende, pois retira pensamentos preconceituosos, atenta para o presente |
| 10 | Didática humanizada e que acompanha a evolução da sociedade; "arte de ensinar"; inovação nas técnicas de instruir | Inovação; age no inconsciente coletivo; presença do cotidiano; positivo; ajuda na dinâmica sutil e descontraída; facilita a memorização; negativo se o personagem for mal representado | Muita emoção; remete a lembranças e sentimentos, bons ou ruins; processo de reestruturação do aluno; aprende melhor e com facilidade; cria um "amor e tesão" pela matéria |
| 11 | Interação entre professor/aluno; descrever bem o assunto e fazer bastante exercício | Acha bem-vindo o recurso, alunos aprendem melhor; desperta interesse, facilita entendimento; negativo se gerar bagunça | Sente emoção, pois a aula fica mais fácil e interessante; aprende melhor, pois presta mais atenção |
| 12 | Espontaneidade do professor com os alunos; distribuição de guloseimas | Funciona, porque o professor mostra empenho e interesse em ensinar de forma lúdica; divertimento; evita o sono, maior atenção; negativo se perder o foco da aula | Sente emoção, pois o personagem pode envolver questões históricas e sociais; aprende de forma divertida e alegre |
| 13 | Interação entre professor/aluno; despertar interesse; não fugir do foco da matéria; descrever com detalhe e clareza, facilitando o entendimento | Acha bem-vindo, desde que não fuja do assunto principal; interação que gera interesse; maior atenção; facilita a interação | Não respondeu |
| 14 | Conhecimento; exemplificar com o cotidiano; uso de imagens e ilustrações | Bem interessante; atrai a atenção, podendo espantar o sono; negativo se fugir do assunto principal | Sente alegria, vontade e ânimo na aula; pode confundir, mas às vezes ensina, diverte e ajuda na memorização |

Tabela 4: Respostas dos alunos quanto às características de uma boa aula, opinião sobre uma aula em que o professor utiliza personagens e opinião quanto à possibilidade de emoção e aprendizagem quando o professor utiliza tal recurso.

| Aluno | Características de uma boa aula | Opinião sobre uma aula com personagens | Emoção e aprendizagem no uso de personagens |
|-------|---|---|---|
| 15 | Linguagem acessível; espaço para participação do aluno; garantia de compreensão do aluno; analogias; relação com o cotidiano | Estilo mais lúdico torna o conteúdo mais leve, "tolerável"; melhor fixação da matéria; relações; maior aproximação professor/aluno; sem pontos negativos | Certamente sente emoção, principalmente pela diversão; aluno nota o quanto de carinho está envolvido no preparo da aula; aprende e se sente mais motivado |
| 16 | Domínio do conteúdo, material adequado; disponibilidade nas dúvidas; postura alegre, calma; gostar da disciplina | Inovador; estimula a concentração e articulação; atenção devido o modo descontraído e moderno; facilita a memorização; negativo: alunos podem se abusar | Sente emoção, pois o professor demonstra interesse em facilitar o aprendizado; aprende melhor, pois consegue agora entender e lembrar |
| 17 | Professor bem humorado e criativo; fotos, imagens e caracterização; aula divertida | Aula fica muito divertida; maior atenção; aprende mais independente do gosto pela matéria; ajuda na memorização | É divertido e engraçado; aprende muito mais; sente-se mais feliz porque estar aprendendo; qualquer um aprende assim; uso de personagens eleva a qualidade do ensino |
| 18 | Chamativa; dar autonomia para o aluno aprender; manter a liderança, não perder o controle | Recurso válido; o humor torna a aula mais atrativa, interessante; facilita a gravação da matéria e o aprendizado; negativo: resistência em aceitar o recurso pelos alunos mais velhos | Emoção depende da cena e do personagem na ação; aprende melhor, pois facilita a memorização |
| 19 | Professor chama a atenção do aluno | Gosta, pois ajuda na fixação do conteúdo; ajuda acordar os alunos com sono | Sente emoção, pois se sente mais feliz; aprende, pois o recurso é mais didático e interessante |
| 20 | Relações com o cotidiano; exemplificação com objetos e ações | Prende a atenção do aluno; evita ser uma aula monótona e repetitiva; professor se torna ainda mais o centro das atenções; negativo, se fugir do foco da aula | Sente emoção em certos personagens, porque o professor se identifica com o personagem; aprende se houver relação com o conteúdo; enriquece a aula |
| 21 | Descontraída, mas equilibrada; fazer com que os alunos aprendam; professor deve analisar o perfil do aluno: jovem ou adulto, grau de concentração | Acha muito bom, pois facilita a memorização; torna menos complicada a matéria; aluno se sente mais à vontade, menos desgastado; negativo, se o aluno levar somente na brincadeira | Sente emoção, por ser diferente, engraçado; anima o aluno a estudar; aprende, ressaltando que o aluno não deve levar somente na brincadeira |

Tabela 4: Respostas dos alunos quanto às características de uma boa aula, opinião sobre uma aula em que o professor utiliza personagens e opinião quanto à possibilidade de emoção e aprendizagem quando o professor utiliza tal recurso.

| Aluno | Características de uma boa aula | Opinião sobre uma aula com personagens | Emoção e aprendizagem no uso de personagens |
|-------|--|---|--|
| 22 | Interação entre professor/aluno; participação dos alunos; didática diferente e de fácil entendimento | Muito bom, pois facilita o entendimento e a memorização; sem pontos negativos | Sente emoção, pois cada personagem é único e importante para entender o conteúdo; aprende muito melhor, pois liga o personagem à matéria |
| 23 | Interação entre professor/aluno; aulas dinâmicas | Pode ter humor, o que gera participação do aluno; evita ser uma aula chata; negativo, se os alunos se dispersarem e bagunçarem | Sente emoção, pois consegue prender mais a atenção; aprende, pois facilita lembrar o conteúdo e a explicação |
| 24 | Despertar o interesse; descontraída e menos convencional; não perder a qualidade dos conteúdos ensinados; relações com o cotidiano; recursos visuais | Desperta um interesse a mais no aluno; aumenta a capacidade de aprendizado e o conhecimento; assimilação do conteúdo; negativo, se o aluno "não entender o sentido e levar para um lado oposto" | "É uma surpresa", que estimula o aluno, principalmente os que trabalham e estudam e estão cansados; torna a aula prazerosa e produtiva; aprende melhor, pois chama a atenção, estimula o aprendizado |
| 25 | Bom relacionamento professor/aluno; competência ao esclarecer dúvidas do aluno | Muito boa, inteligente; facilita a compreensão; "Utilizando isso torna um professor um grande mestre"; sem pontos negativos | Sente emoção, pois a aula fica descontraída; em momentos de dificuldades o personagem agrada a aula e torna-a mais compreensível; por isso aprende muito bem |
| 26 | Interação entre professor/aluno | Correta, pois ocorre uma interação; atrai a atenção e o interesse; negativo, se ocorrer distrações | Não sente emoção, porque faz parte da aula e isso é natural; aprende assim, pois tem maior atenção e interação |
| 27 | Professor deve demonstrar prazer no que faz; instigar o interesse; trazer novidades; animar; domínio da matéria | Interessante, anima, chama atenção e ajuda na memorização e relação; aula agradável; negativo, se virar bagunça ou usar figurino de "mau gosto" | É engraçado; legal quando o professor mostra vontade em ensinar, motiva o aluno a aprender; aprende, pois chama a atenção, faz acordar; figurino ajuda a recordar o assunto |
| 28 | Respeito de ambas as partes; saber ouvir e debater as dúvidas | Ótimo; recurso em que professor/aluno possam interagir; ajuda na lembrança do que foi ensinado | "As emoções são várias"; descontração no momento de desistência em ficar em aula; tira o sono; aprende melhor, pois marca no sujeito; faz bem para mente cansada |

Tabela 4: Respostas dos alunos quanto às características de uma boa aula, opinião sobre uma aula em que o professor utiliza personagens e opinião quanto à possibilidade de emoção e aprendizagem quando o professor utiliza tal recurso.

| Aluno | Características de uma boa aula | Opinião sobre uma aula com personagens | Emoção e aprendizagem no uso de personagens |
|-------|---|---|---|
| 29 | Aula bem dinâmica e diferenciada; paciência e comprometimento | Maravilhoso; " <i>mesmo que seja idiota a forma (...) será engraçado</i> "; muitos risos, descontraída; talvez ajude na memorização e aprendizado; negativo: nem todos vão se agradar | Sente emoção: alegria, entusiasmo; se identifica porque é professora de educação infantil; aprende, pois se lembra das palhaçadas e logo sente vontade de estudar |
| 30 | Gostar de dar aula; estar apto; saber ensinar; ter passado em concurso público em licenciatura | " <i>Depende da idade do aluno</i> "; aluno adolescente precisa para notar o professor e prestar a atenção; aluno adulto não precisa | Não sente emoção; aprende de qualquer forma, independente do recurso, pois gosta de estudar |
| 31 | Domínio da matéria; professor dinâmico; aplicação de estudos dirigidos e questionários para fixação | Muito válido, pois descontrai e facilita a retomada de aulas anteriores; envolvimento entre aluno, professor e personagem; aproximação ao conteúdo; interesse; negativo: aluno prestar mais atenção no figurino | Desperta curiosidade quanto ao próximo personagem; cada aula há descontração, o que torna mais interessante; acha que aprende, dependendo do personagem há maior fixação |
| 32 | Um pouco descontraída e diferenciada; vídeos, debates, comentários, brincadeiras contextualizadas | Bem diferenciada de outras aulas, pois chama mais a atenção | Não sente emoção, pois " <i>é apenas um personagem</i> "; acha que aprende, pois acaba memorizando de maneira diferente e divertida |
| 33 | Conhecer profundamente a matéria; preparar cada aula de forma específica; explicar; gostar de trabalhar com alunos; exigir do aluno; fazer exercícios; ser criativo | Muito criativo; provoca entusiasmo nos alunos, cansados e " <i>loucos para ir embora</i> "; fixação da matéria, sai da rotina, interação; exige atenção | Não sente emoção; aprende melhor, novos nomes e conceitos difíceis |
| 34 | Uso de vários recursos; exemplificação; não só se basear no quadro | Interessante e diferente; dependendo do assunto facilita a fixação; memorização; " <i>aprender sem decorar</i> "; negativo: aluno se acostumar com isso em uma escola ou matéria e não ter em outras escolas | Não sente emoção, pois acha inteligente quando se usa um personagem referente a um assunto discutido em aula; consegue aprender, não sabe se é melhor; memoriza sem virar " <i>decoreba</i> " |
| 35 | Professor deve manter a atenção do aluno; interessante e compreensível | Legal; realmente chama a atenção; engraçado, facilita a compreensão | Fica mais animada para descobrir o assunto que vai ser tratado em aula; acha que aprende, pois torna mais interessante e compreensível |

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

4.1 CARACTERÍSTICAS DE UMA BOA AULA

4.1.1 Visão do professor

Ao analisar as respostas de cada professor quanto aos motivos para considerar boa a sua aula, verificam-se diferentes características que podem ser atribuídas a diferentes concepções pessoais acerca de uma melhor qualidade de ensino. Há concordâncias em alguns pontos como a necessidade de interação (que pode ser envolvimento e proximidade) entre o professor e o aluno.

Segundo as conclusões de Vigotski nos seus estudos sobre desenvolvimento infantil, o plano de interações é o alicerce para que ocorra o desenvolvimento do sujeito em ação (BOCK *et al.*, 2001). Nas entrevistas, outro ponto marcante é contextualizar (ou talvez relacionar com o cotidiano) o conteúdo, que a meu ver tem relação com a interação, pois a partir do momento que o professor explica um tema conforme o parecer do dia-a-dia do aluno, de algum modo está iniciando uma interatividade.

No que se refere ao uso de personagens, sendo que três docentes utilizam, esses apresentam o motivo de surpreender o aluno como um elemento importante para as aulas. Desses três entrevistados, dois caracterizaram sua aula como boa, pois utilizam tal recurso. Talvez, o professor que não mencionou não utiliza tão seguidamente personagens quanto os outros dois. Novamente temos interação em jogo, uma vez que criando uma surpresa no aluno, o professor já interage. Contudo cabe pensar aqui que só iniciar não significa que a interação vai continuar ou fortalecer-se, sugerindo que o professor se esforce neste requisito, seja utilizando o personagem ou outros recursos consequentes.

A questão de criar uma surpresa no aluno é similar à surpresa a que o humor proporciona. O efeito do humor, que muitas vezes surpreende o aluno, principalmente quando a origem do humor vem de um professor que quase nunca o usa, é impactante e cria e recria conexões na mente do aluno de forma muito mais rápida do que uma linguagem comum. É como afirma Justo (2006):

O humor ainda opera com o efeito surpresa e com a instantaneidade. Trata-se de um tipo de linguagem capaz de subverter tempo e espaço

instituídos, produzindo encadeamentos de signos posicionados em tempos e lugares distanciados. O humor rompe ou subverte contextos, campos semânticos estabelecidos, fazendo, aliás, de tal ruptura uma poderosa arma de produção de riso (p. 109).

Apenas um entrevistado (*Pedrolino*) menciona o uso do humor (graça) como elemento de sua aula boa; isso não significa que os demais nunca utilizam, apesar de alguns mencionarem que não utilizam humor, o que me pareceu contraditório, pois o fato de contar piada, ironia, brincar ou usar personagens, em minha opinião, são maneiras (linguagens) de lidar com situações de forma humorada. Os professores sabem do poder que tem a linguagem humorada, uma vez que *“Pela via do humor são expressas e ditas coisas que jamais seriam reveladas pela linguagem comum”* (JUSTO, 2006, p. 107). O humor facilita a comunicação e o entendimento. Lulkin (2007) menciona que o desgaste escolar é um fator para os professores não utilizarem o humor. Se for verdade que esses professores não utilizam o humor, poderia dizer que não é pelo mesmo motivo citado pelo autor em relação a seus pesquisados, pois os professores não se queixaram do trabalho em nenhum momento (só demonstraram insatisfação sobre o comportamento de outros colegas) e pareciam satisfeitos com a sua profissão. Acho que a explicação poderia ser que os professores que fizeram parte de meu estudo não tem uma característica humorada constante ou não utilizam em excesso.

Imagino que os professores, os quais utilizam o humor, mas não o consideram como característica importante para uma aula boa, podem achar que o humor tem outros fins, como motivar, descontrair e despertar a atenção ou é menos importante do que os outros elementos citados. Eu posso ir mais além e pensar que o humor pode estar relacionado à interação, de modo que o humor é uma estratégia para caracterizar uma aula, mas não ser uma característica em si da aula, justificando a sua ausência nesta categoria analisada, até porque muitas estratégias de aula não foram consideradas para se referir a uma aula boa. O humor é um recurso de modo que o *“próprio deslocamento para fora de um papel usual do professor lhe serve como mobilizador das interações, a favor de uma comunicação eficaz que se manifesta pelo riso”* (LULKIN, 2007, p. 5).

O professor *Pantalone* comenta que o professor deve dar liberdade ao aluno, mas também ser um norteador. Ele disse isso no sentido de que há turmas que se o professor fizer muita brincadeira, eles só vão levar na brincadeira a aula, assim a importância do professor nortear as dinâmicas. Então para esse professor o excesso de humor, em forma de brincadeira, pode fazer com que perca o controle da aula.

Realmente, isso pode acontecer e a aula tem que ser equilibrada. Por outro lado pode ser necessário o uso de humor em conjunto a um possível riso, pois “*Por seu caráter transgressor, subversivo, mobilizador da crítica a todos os poderes, o riso ressurge nos intervalos em que o controle “abre um respiro”, nas falhas e equívocos que também nos constituem como seres humanos e insuficientes*” (LULKIN, 2007, p. 7). Assim, muitas vezes pode ser necessário que o ambiente controlável dê uma aliviada, pois dependendo do controle pode criar uma tensão e também tornar uma aula monótona.

Apesar de tudo, eu creio que o mais importante é a interação do professor com o seu aluno. Muitos professores entrevistados são considerados mais sérios e nem por isso a aula de cada um não é considerada boa. O que vai dizer se uma aula é boa, que não necessariamente vai ser o humor, é o conjunto de características próprias do docente que irá promover e expor seu envolvimento com o aprendizado do aluno.

4.1.2 Visão do aluno

O universo de ideias acerca de uma aula boa foi bem mais amplo se comparado ao dos professores; claro, o número de alunos pesquisados foi bem maior e os alunos foram questionados quanto às características de um modo geral (pensando que os alunos conhecem e já conheceram diversos professores com características diferentes), de modo que o questionamento para o professor foi especificado à sua própria aula. Lembro aqui que são alunos do cursinho pré-vestibular em que dou aula de Biologia.

Pelo menos doze alunos mencionaram a interação (ou troca) entre professor e aluno para considerar uma aula boa, o que está em acordo com alguns professores. O outro ponto apresentado pelos docentes, que é relacionar o cotidiano (contextualizar) com o conteúdo, também aparece nos questionários dos alunos.

O uso de personagens foi citado uma única vez. Cabe aqui a atenção sobre o fato de que são meus alunos e, até onde eu tenho conhecimento, o uso de personagens é novo para eles e eu sou o único no curso pré-vestibular que utiliza tal recurso (apenas outro professor utiliza, mas em casos muito especiais – professor *Pierrot*). Como é incomum para eles, então, talvez os alunos não estão acostumados e para eles pode ser uma estratégia de aula, mas não uma característica universal para uma boa aula, tendo em mente que os demais professores utilizam outros recursos e as aulas dos mesmos são consideradas boas.

No item seguinte deste trabalho, os alunos apresentam vários argumentos positivos para o uso de personagens, o que a meu ver são requisitos para tornar esse recurso como uma característica importante em uma aula. Mas como isso é uma característica que depende do professor, como dito pelos docentes entrevistados, não vai ser necessariamente uma característica geral para uma aula boa. Vai ser, por exemplo, uma característica própria do professor que aqui escreve este trabalho; o que não quer dizer que o mesmo não tenha outras características que tornam a sua aula boa e que são independentes ou consequentes ao uso de um personagem em sala de aula.

Uns cinco alunos mencionaram a necessidade do uso de algum humor (alegria, risos, descontração, diversão) nas aulas. Um número próximo de alunos escreveu que o professor tem que ter domínio da matéria (conhecimento) e cerca de três acham necessário que a aula tenha uma linguagem acessível e compreensível. Quatro alunos consideram que o professor deve gostar de dar aula. Cinco acham que o professor deve fazer uma aula diferenciada e criativa. Outros quatro pensam que a aula deveria despertar o interesse e motivação para ser considerada boa. Alguns comentam a necessidade de manter a atenção e usar diferentes recursos em aula. Apesar de que este estudo não é quantitativo, eu coloquei a quantidade alunos em algumas características, só para que o leitor tenha uma visão do que é mais pensado entre os discentes. Contudo, de um modo geral, percebe-se que os alunos opinam em direção ao conteúdo em si. Claro, são alunos de cursinho pré-vestibular, logo eles veem a necessidade de garantir o conhecimento para que consigam ir bem nas provas de seleção. Assim, é importante que a aula tenha interatividade e troca de conhecimento, que o professor tenha domínio para sanar as dúvidas de forma correta, que a aula seja de fácil entendimento. Outros pontos têm relação ao fato de tornar a aula mais agradável (humor, professor gostar de dar aula) e chamar a atenção e interesse para que o aluno consiga, de novo, entender, assimilar a matéria e ir bem no vestibular.

Eu esperava que surgissem mais respostas relacionadas ao humor, pois é inegável a observação pessoal e empírica de que os alunos gostam e muito desse aspecto durante as aulas. Novamente, eu acho que o humor é visto como uma estratégia ou recurso e não uma característica em si, ou não é obrigatório no contexto em questão. Mas também podemos pensar que há professores mais “sérios” que apresentam uma aula muito boa, que seja interessante e prenda a atenção do aluno, que é a busca essencial de todo professor, e talvez o aluno também busque isso na aula, independente da metodologia.

Apesar do uso não ser necessariamente obrigatório, o humor como estratégia pode ser um possível mecanismo a serviço do professor para o desenvolvimento das características citadas pelos alunos.

Para Justo (2006) diferentes funcionamentos e propósitos podem ser utilizados na comunicação quanto se refere ao humor:

Há o humor que se coloca a serviço da liberação de uma ideia ou desejo aprisionado pela censura; há o humor que procura gerar uma situação de descontração entre os interlocutores; há o humor que visa desqualificar e ridicularizar o interlocutor ou o referente do diálogo; há aquele que mobiliza ansiedades, visa solapar um discurso e uma situação tidos como “sérios” (solenes) – a conhecida “gozação”; aquele que se faz por meio do cômico propriamente dito, pondo em evidência representações supérfluas – a conhecida foto de Einstein descabelado e com a língua de fora e tantos outros exemplos cujos sentidos básicos dependem de um exame do contexto (p. 116).

Assim, o humor de várias formas facilita a comunicação dos envolvidos no ensino, fortalecendo o interesse e entendimento de um assunto proposto.

4.2 AULA COM PERSONAGENS E LIMITES DO USO

4.2.1 Visão do professor

Nenhum entrevistado acha inválido o uso de personagens em sala de aula desde que se use de forma adequada. As ideias que mais prevaleceram a respeito do recurso é que pode despertar interesse, motivação extrínseca, chamar a atenção, estimular uma conexão (elo ou aproximação) entre professor e aluno com o conteúdo. Eu penso que se houver conexão recíproca terá a tal interação mencionada nas características de alguns professores entrevistados; para haver conexão e para que esse estado se mantenha constante há a necessidade de interação, ou seja, são concomitantes.

Ao tornar a aula mais interessante, gerar motivação e fortalecer a atenção do aluno cria um ambiente mais agradável para o aluno, perdendo aquele espírito de obrigação com o estudo. Em cursinho preparatório para concurso vestibular tal ambiente é essencial e adequado para aquele aluno cansado e afetado psicologicamente pela pressão familiar e/ou da proximidade das provas de seleção. Em Lulkin (2007) há depoimentos de professores que utilizam personagens com o intuito de provocar

mudanças de atitude, chamar a atenção e amenizar o cansaço escolar dos alunos; e tal recurso é útil mesmo e funciona.

Quanto aos limites que devem ser pensados e acionados, o professor deve ser flexível conforme as reações dos alunos, foi o que prevaleceu de modo geral nas opiniões dos entrevistados. Assim, se o professor achar que aquele recurso não agrada ou que não garante interação ou é desintegrada, deve repensar e impor um limite no uso. De fato, como todo recurso didático-pedagógico vai depender de cada aluno e/ou cada momento para a sua ação, cabe ao professor saber o que deve mudar e continuar. Apenas um professor disse que não tem limites, o que se conclui que tal profissional não teve ou pelo menos não notou algum problema em relação aos alunos quanto ao uso de personagens; ou que tal docente sabe administrar bem seu recurso.

4.2.2 Visão do aluno

Assim como nas características de uma boa aula, várias opiniões diferentes sobre o uso de personagens foram coletadas, contudo neste caso verifica-se uma maior concordância entre os alunos. O ponto que foi mais marcado (quatorze alunos) sobre o uso de personagens se refere à importância de ajudar na memorização (fixação) dos conteúdos, o que mostra que o personagem deve dar sentido para o contexto da aula. Em relação à fixação, alguns alunos mencionaram outros pontos, como a importância do uso de personagem para fazer relação (articulação) com a matéria e outros comentaram que ajuda na compreensão e entendimento da aula. Tanto a articulação e melhor entendimento estão vinculados a uma melhor fixação.

Outra ideia que surgiu é o recurso ser útil para chamar a atenção do aluno (doze alunos escreveram). Um desses até opinou que tal recurso ajuda para evitar o sono, tendo em vista que muitos alunos são indivíduos que trabalham e/ou estudam em outros turnos, de modo que o cansaço é algo a ser considerado como fator limitante para a atenção deles, por mais que eles tenham vontade em aprender. Aliado a atenção, temos o fator interesse, que apareceu na opinião de sete alunos. Ao utilizar um personagem que tenha envolvimento com o assunto principal, isso vai atrair o interesse do aluno, conseqüentemente a atenção do mesmo. Poucos mencionaram uma possível interação (cinco alunos), contudo se gera uma maior atenção do aluno de qualquer forma há uma

interação. Pode não haver uma troca de conhecimento, como forma de interação, sendo que depende de como professor vai utilizar tal recurso.

Considero que o uso de personagem pode ser um recurso que inicia uma interação, que concomitantemente cria uma atenção, que pode ser usado para continuar envolvendo o professor e o aluno no conteúdo proposto, mas não é regra só usá-lo. Outros recursos podem ser conseqüentemente usados. Por exemplo, o professor ao chegar com um personagem na sala de aula pode iniciar o tema relacionando-o com o personagem e após pode contar uma história sobre o personagem ou mesmo algo sobre o tema, sem que aquele recurso perca o sentido. Mas também o professor pode iniciar uma aula, trabalhar um assunto independente, mas voltar ao personagem para enriquecer o tema e/ou novamente chamar a atenção do aluno. Tendo em vista que “*O exercício da sensibilidade para o cômico solicita uma atenção e uma escuta para alguns aspectos que estão diante de nós, mas passam despercebidos ou desvalorizados na sala de aula*” (LULKIN, 2007, p. 4), o personagem a ser utilizado pelo professor pode enfatizar pontos importantes do conteúdo trabalhado, pensando-se que há alunos com graus de maturidade diferentes para discernir o que é mais ou menos importante.

Um professor em depoimento no estudo de Lulkin (2007) diz que utiliza um personagem (muda a voz, os gestos, utiliza expressões) quando quer enfatizar alguns pontos do conteúdo em que os alunos sentem dificuldade.

Comparado ao questionamento quanto às características de uma boa aula, aqui teve um maior número de alunos (onze) que caracterizam o uso de personagens como um recurso de humor que remete à descontração, alegria, divertimento, motivação e graça. Tal estado humorado que apresenta tal recurso, eu creio que tem relação às opiniões anteriores: humor envolve o sujeito (atenção) e ele pode interagir. Já que é possível que o recurso ajude no entendimento de um determinado assunto e o sujeito está atento ao entendimento, o uso do humor por meio de um personagem pode facilitar a fixação de ideias, por conseguinte, o aprendizado de fato. A sensação é de que o humor é um aliado da interação, pois “*A descontração propiciada pelo riso permite a superação de inibições e maior arrojo do sujeito na expressão de seus pensamentos e na sua exposição no grupo*” (JUSTO, 2006, p. 111).

É interessante notar que os alunos questionados apresentam, como uma imagem de fundo, uma preocupação com o seu aprendizado. Digo isso, pois muitos alunos (dezenove) responderam que há pontos negativos, tais como: se o professor perder o foco da aula, se os alunos se dispersarem e/ou fizerem bagunça, se o aluno só prestar

atenção no personagem, se o personagem for mal interpretado ou tiver uma interpretação negativa ou vulgar. Esses pontos são referentes à aprendizagem do aluno e eles têm total razão. Se o professor não incorpora na matéria o personagem ou o figurino não condiz com aquele contexto, que valor tem? Talvez só motivar ou fazer algo engraçado é menos importante do que ensinar na opinião deles; em outras palavras se o professor conseguir motivar o aluno, mas este não aprende por falta de ligação à matéria, tal motivação perde o seu valor. Assim, qualquer estratégia tem que fazer algum sentido para a vida daqueles alunos, pois dessa forma que eles vão se interessar e, por conseguinte, aprender.

O professor tem que ter cuidado, pois o uso de um personagem pode gerar consequências sérias, como preconceito, *bullying* e desprezo. Os alunos podem interpretar como uma ofensa, dependendo do contexto e da forma como o professor utiliza tal recurso. É claro que todo professor tem que ter consciência das suas falas e ações. E neste caso, com o uso de um personagem, o professor tem que ter uma consciência maior e mais crítica, pois a interpretação negativa pode ser ainda maior, uma vez que a interpretação é ampliada e reforçada. Um exemplo fictício: um professor que dá a sua opinião sobre o cristianismo, sendo que um aluno se ofende quando o professor faz uma ironia debochada. Já um professor que faz a mesma ironia, mas também usa um figurino de “Jesus Cristo”, e além da ironia, ele faz uma ação vulgar com o personagem em conjunto da sua fala, o aluno pode se ofender mais ainda, pois a ofensa está na fala e na imagem da ação, de modo que o personagem fortalece o deboche. Assim, o professor tem que criticar suas estratégias de aula e refletir que ações possíveis podem ser feitas para que o recurso seja viável e aceito. Conforme afirma Justo (2006): “*É necessário estar atento para que o humor não se coloque a serviço da banalização (...)*” (p. 124). Se ocorrer uma aversão ao uso de personagem, tal situação pode interferir no aprendizado, pois o aluno vai perder o interesse, bloqueando um possível aprendizado, que seria efetivo, caso não ocorresse tal aversão. Assim, o professor deve levar em consideração essa discussão, planejando sua aula conforme argumenta Lulkin (2007):

Ao mesmo tempo, essa ação bem ou mal-humorada solicita uma noção de ética muito apurada e “rápida” – estabelecer as fronteiras móveis pela compreensão de um humor compartilhado, e sua aceitação como trânsito possível na escola, como linguagem (p.3).

Um ponto levantado por um aluno é a resistência de alguns alunos em aceitar o recurso (alunos mais velhos). Isso remete ao que foi dito pelos professores entrevistados. O professor tem que ter em mente que cada turma vai ser diferente, cada aluno vai reagir de uma forma, que não necessariamente vão reagir da mesma forma sempre. Tudo vai depender do contexto da sala de aula; vão ter alunos que serão resistentes quanto à aprovação do recurso de personagens; logo o professor vai precisar se adaptar a cada ambiente educacional, levando em conta as necessidades e desejos dos sujeitos que serão ensinados. Contudo, o aluno também pode tentar se adaptar, de modo que o professor pode utilizar o recurso de vez em quando ou trazer a proposta gradualmente, não ser tão constante. Talvez, o aluno vai sentir e compreender com o tempo que o professor tem preocupação com o aprendizado do aluno e o uso de personagem é uma tentativa para com esse objetivo maior. A resistência pode ser uma proteção do aluno contra a desordem que possa ocorrer com o uso cômico do personagem; essa ideia foi retirada de Lulkin (2007) em que o autor se refere ao “*anti-riso*”.

Um dos alunos mencionou que o uso de personagens é negativo se o aluno se acostuma com o recurso e se o mesmo não é usual em outros locais de ensino ou em outras disciplinas. Assim, como vão ter professores que utilizam personagens, vão ter aqueles que usam música, aqueles que utilizam vídeos, ou mesmo aqueles que só usam o quadro e o giz. Se o aprendizado é efetivo, será um problema o aluno se acostumar com um determinado recurso? Creio que não, desde que professor e aluno se compreendam e cheguem a um consenso de entendimento quanto ao melhor jeito de interação, levando em conta as características de ambos os lados, para que o aprendizado de fato aconteça.

4.3 EMOÇÃO E APRENDIZADO DO ALUNO NO USO DE PERSONAGENS

4.3.1 Visão do professor

Em uma de suas respostas, o professor *Pierrot* comenta a importância de despertar a emoção nos alunos, uma vez que aprendemos com o que sentimos também. A partir desse professor, eu me interessei em perguntar para os seguintes professores sobre a possibilidade de despertar algum tipo de emoção no aluno quando o professor

utiliza um personagem. Ao despertar um lado emocional no aluno, pode haver uma ligação afetiva sentida pelo sujeito que é ensinado. Os entrevistados foram questionados quanto a essa situação. Apenas um entrevistado acha que não desperta necessariamente uma afetividade, tendo como justificativa que o aluno sente afeto quando ele percebe que o professor se preocupa com o seu aprendizado e com seu bem estar. Concordo com esse pensamento, porém o uso de um personagem conota também um estado de preocupação com o aluno, pois se o uso desperta e estimula vários fatores (interesse, atenção, motivação, interação) creio que o professor sente tais consequências (ou compreende que há possibilidade de acontecer) e isso tudo seria o essencial para ele utilizar alguma vez ou repetir o recurso em questão. Em outras palavras, o professor utiliza o recurso porque é para o aluno, pois se preocupa com ele e o aprendizado está inserido neste objetivo.

Para que o aluno sinta a preocupação do docente, o recurso que será usado deve ser capaz de demonstrar tal sentimento. Digo isso, porque se o aluno achar que um personagem utilizado é sem contexto ou fora do foco do assunto, a aula perde seu sentido e o aluno não entende se o professor está preocupado com ele. De fato, um conteúdo em sala de aula deve apresentar algum sentido para o aluno, para que ele efetivamente aprenda o que for proposto pelo professor, além de aprender que tem capacidade para tal aprendizado, e nesse contexto os aspectos afetivos intervêm na aprendizagem significativa do aluno (FRISON E SCHWARTZ, 2002). Segundo Vasconcellos (1994) o aprendizado de forma significativa depende da carga afetiva depositada na ação educacional, contudo há certos limites, de modo que tal carga não deve ser excessiva a ponto de impedir o aprendizado. Morin (2000) pensa de forma similar quando menciona o fato do desenvolvimento cognitivo ser intrínseco ao afeto imposto, sendo que a afetividade pode ser um elemento positivo, ao fortalecer a aprendizagem do aluno, mas também pode ser negativo, ao asfixiar o conhecimento. Para o autor, se há uma deficiência de emoção, que ele chamou de *déficit de emoção*, o raciocínio de um aprendiz pode ser diminuído ou mesmo eliminado no ato de aprender.

A maioria concorda que o uso de personagens pode ajudar no aprendizado do aluno. Se pegarmos as ideias de dois professores: *Pedrolino* – humor gera emoção; *Colombina* – humor é um catalisador para o aprendizado, e juntarmos com a ideia de que o uso de personagens tem o aspecto humorado (levando em conta o que foi definido no Referencial teórico), chegamos a uma possível conclusão de que o uso de

personagens pode ser positivo para estimular o aprendizado. O uso do humor também tem representatividade na interação, de modo que o humor como diz Justo (2006):

(...) tematiza a vida real, cotidiana (...). É essencialmente gregário, possuindo enorme poder de reunir e vincular pessoas. O gregarismo do humor torna-se ainda mais poderoso pelo tipo de sentimento e afeto que utiliza na produção dos laços e vínculos grupais. O que é compartilhado na situação de grupo com a intermediação do humor é a alegria, a satisfação, o prazer de estar junto (p. 111 e 112).

Assim, o recurso de usar personagens em aula apresenta o aspecto humorado, tal que auxilia na interação dos envolvidos, facilitando o aprendizado do aluno.

A vida de um sujeito que quer aprender é entrelaçada de sentimentos, emoções, movimentos, entre outras situações vividas, que despertam seu interesse em conhecer e descobrir coisas novas. Assim, o emocional tem real ligação com o intelecto do sujeito. Conforme Frison e Schwartz (2002), o ambiente escolar normalmente é inóspito aos sentimentos, emoções e motivações que elevam o aluno ao aprendizado. Para Moran (2007) a educação precisa de novos modelos, sendo que a afetividade deve ser incorporada na aprendizagem. Do meu ponto de vista, a escola de fato atrapalha o próprio desenvolvimento do seu objetivo geral, que é o aprendizado efetivo dos alunos, quando abriga um ambiente desmotivador. Se um aluno não vê emoção alguma no que está aprendendo, dificilmente terá vontade em prestar atenção à aula para início de conversa. Não despertando emoção alguma, dificilmente o ensino proposto vai ter algum significado para ele. Logo, como a escola quer que um aluno aprenda realmente, se os aspectos afetivos, que poderiam ajudar em tal objetivo, são evitados de modo geral?

O professor *Polichinelo* também comenta a importância da emoção quando diz que pode ser sim positivo, uma vez que o aluno pode demonstrar interesse. O mesmo pensamento é mencionado pelo professor *Pierrot*. Segundo Frison e Schwartz (2002), se não houver interesse, o aluno vai encarar o ensino como algo a ser memorizado e com finalidade de aprovação somente, sendo que seu aprendizado não será produtivo. Assim, o aluno dificilmente aprenderá o conteúdo imposto, assim como não aprenderá que é capaz de aprender.

No momento em que um professor busca usar um personagem em sala de aula, que tenha relação ao ensino proposto, como usar uma figura histórica, o aluno poderá ser despertado e motivado a querer entender o que está acontecendo, levando a uma

ação intrínseca de aprendizagem, sem que ele perceba, sem que ele se sinta na obrigação de memorizar tal situação.

4.3.2 Visão do aluno

Dos trinta e cinco alunos que responderam o questionário, quinze afirmaram que, sim, sentem algum tipo de emoção quando o professor utiliza algum personagem em aula. Seis alunos responderam que não sentem emoção alguma. No geral, é complicado para o professor definir que possíveis reações um aluno pode ter quando o professor pretende utilizar uma estratégia pela primeira vez. Primeiro porque em uma turma vão ter diferentes alunos com pensamentos, desejos, percepções e críticas diferentes. Logo não estava esperando como regra que todos ou a maioria dos alunos dissessem que sentem alguma emoção, mas conforme a afirmação do professor *Pierrot* que tal recurso poderia despertar uma emoção no aluno (assim como outros recursos também podem), eu fiquei curioso em pesquisar isso.

Eu esperava ao menos que alguns alunos confirmassem que sentem alguma emoção. Além do que eu tenho em mente que o conceito de “emoção”, assim como “humor” pode apresentar mais de uma conceituação.

Há vários tipos de emoção, que ocuparia muitas linhas se eu fosse descrevê-las. Para Casanova *et al.* (2009) uma definição geral de emoção é “*um impulso neural que move um organismo para a ação*” (p. 6). Eu não sei como cada aluno definiu emoção no momento de responder a questão. Por outro lado, se analisarmos novamente as opiniões de todos quanto a uma aula em que o professor utiliza um personagem, todos (eu digo todos, inclusive os que dizem não sentir emoção) têm uma opinião de que uma aula desse gênero gera “algo” nos alunos, no mínimo uma atenção. Por mais que o aluno possa ficar estático na cadeira, o uso do recurso teve alguma influência na ação do aluno, mesmo que seja uma ação que confere um processo cognitivo, como ficar com os olhos atentos às ações do professor. Em suma, o aluno sente alguma emoção, que pode ser uma emoção que envolve sentimento ou não. Eu penso que é coloquial definir o termo “emoção” como sinônimo de sentimento. Na verdade, o sentimento é uma consequência da emoção, porém com tempo de duração maior; enquanto que a emoção é inconsciente, o sentimento é consciente (CASANOVA *et al.*, 2009).

Ao pegarmos a ideia analisada na visão do professor (item 4.3.1) de que um estado afetivo – que eu considere como um estado emocional – pode estimular o aprendizado, parece que condiz com o que pensam os alunos. Dos alunos questionados, vinte e sete afirmaram que aprendem por meio desse recurso. Um aluno não respondeu; outro respondeu que aprende o que é passado de conteúdo (mas não ligou ao recurso); outro não usou o verbo “aprender”, mas usou recordar, memorizar e relacionar; outro disse que às vezes ensina; um disse que aprende de qualquer forma, independente do recurso, pois gosta de estudar; outros três acham que aprendem, pois ou memorizam ou porque a aula fica mais interessante e compreensível. De qualquer jeito, tirando o aluno que não respondeu, todos os demais aprendem de alguma maneira e em algum momento, apesar da incerteza.

4.4 ESPONTANEIDADE DO PROFESSOR

Eu fiquei interessado em discutir, algo que surgiu nas minhas aulas e ao longo das entrevistas, se o recurso de usar personagens poderia ser um fator necessário e quem sabe obrigatório no ensino (pelo menos de vez em quando para sair da rotina). Eu também tinha a opinião de que cada profissional tem sua forma de dar uma aula. Mas por que não usar tal recurso que é do meu interesse? Em muitos momentos deixei que o desenrolar das entrevistas me apresentasse alguma frase que contivesse alguma ideia sobre o que o professor achava de sua identidade e/ou dos outros. A maioria concorda que o uso de estratégias em sala de aula depende da característica de cada professor, sendo que cada um deve e vai construindo sua identidade no decorrer das práticas docentes.

Como afirma o professor *Pantalone*: “*Em sala de aula eu já visto um personagem*”, a formação de um professor em sala de aula a meu ver forma um personagem, por mais que alguns professores digam que é totalmente espontâneo e que tenha comportamento similar a sua vida fora da sala de aula. É inevitável que a pessoa que ensina mude em alguma coisa, dependendo também da situação, seu comportamento. Por mais que seja espontâneo e foi aprendido, notamos diferentes características e estratégias que no conjunto podem “criar” diferentes professores, ou seja, diferentes “personagens” em sala de aula. Temos o personagem que surpreende, o personagem que envolve, o personagem que contextualiza, o personagem que faz

humor, entre outros. Até o próprio personagem tradicional e sério, comum em muitas instituições de ensino. Neste caso, há o profissional que de fato é sério e isso reflete em sala de aula, mas também já observei que há profissionais que são sérios e excessivos no que concerne à palavra, contudo fora da aula são diferentes. Essa diferença de comportamento deve ser porque muitos professores acham que para controlar uma turma tem que ser sério mesmo.

Essa espontaneidade que surge em cada professor, se torna algo padronizado com o tempo, assim o professor se acostuma consigo mesmo em sala de aula e interpreta como algo próprio a si, podendo dizer que não é um personagem, e esquece que improvisos surgem e o comportamento do professor pode mudar sem ele notar. Nesse sentido, podemos pensar que:

Algumas das situações improvisadas na sala de aula, como a criação de um personagem, um corpo e uma voz diferentes do habitual, não são necessariamente teatrais, no sentido de se direcionarem para algum espetáculo. A ficção cotidiana, uma breve invenção, é que se arma nesse cenário. É o campo de ação pedagógica, no caso de professores em sala de aula, que se torna habitado por esses personagens paródicos, os quais se manifestam esporadicamente, na linguagem usual ou formal, como um “jeito de ser” tradicional, uma atitude “professoral” distanciada no tempo (LULKIN, 2007, p. 5 e 6).

Em suma, por mais que os professores não utilizem um personagem caracterizado, por exemplo, seja usando uma vestimenta ou mudando a voz, eles adotam um personagem que é espontâneo e pode ou não ser representativo da sua própria vida fora do contexto educacional.

Se o professor é caracterizado como uma pessoa humorada, considerando que o humor dele é natural e espontâneo eu acho mais interessante e envolvente, tendo em vista que *“O caráter de irreverência do humor torna-se mais acentuado quando a comicidade aparece espontaneamente, sem uma preparação ou previsibilidade”* (JUSTO, 2006, p. 118).

Os professores que não se caracterizam com personagens (figurino) justificaram o não-uso por não fazer parte do seu perfil, por não conseguir utilizar tal recurso, ou por não se sentir bem utilizando. É justo e voltamos para a ideia que depende da característica de cada professor, sendo uma escolha pessoal.

É importante reiterar que independente do perfil do professor, o essencial é que o professor consiga ser espontâneo quanto ao seu trabalho e seja capaz de se envolver

com a aula, conseqüentemente envolver os alunos. Seja o docente um personagem sério e mais quieto, seja um personagem mais extrovertido e humorado, a aula para ser considerada boa vai depender de vários fatores e o que importa no final é a efetiva interação espontânea entre os envolvidos.

4.5 SUGESTÕES PARA A ESCOLA

As sugestões para que a instituição escolar seja um ambiente mais alegre e interessante foram as mais diversas. Uma sugestão que tem relação com o contexto discutido no item anterior é despertar algum tipo de emoção no aluno. Outro professor comenta que se todo docente ministrasse sua aula com paixão e sedução, muitos conceitos em educação mudariam. Algumas ideias são referentes às regras instituídas na escola, como o “medo” de sair da sala de aula e diminuir o tempo de aula. Dois entrevistados sugerem a mudança de ambiente, de modo que os alunos precisam sair da sala de aula, ir ao museu, ter aula na rua. Outros dois sugerem que a escola utilize o máximo de recursos possíveis na educação, como personagens e a interdisciplinaridade utilizando temáticas específicas. Duas ideias que podem ser congruentes: o professor *Pantalone* ao afirmar que a escola deve pensar e se adaptar a cada realidade, de modo a analisar cada turma e direcionar planos de ensino conforme a análise específica; isso tem relação ao que diz *Dottore* quando fala que a escola acha que os alunos de hoje em dia são os mesmos de antigamente, esquecendo que a sociedade mudou e está em constante mudança. Assim, as concepções de ensino, tais como, um tempo extenso de aula, alunos sentados quietos entre quatro paredes, ouvindo um sujeito em pé que trabalha com conteúdos que muitas vezes não tem ligação alguma com a vida cotidiana dos alunos, tudo isso deveria ser repensado conforme o que a sociedade necessita e deseja atualmente. A meu ver, a escola deveria ser um reflexo da sociedade e ambas (escola e sociedade) poderiam caminhar juntas no que diz respeito às mudanças. Moran (2007) afirma que a educação ora vive um processo estável, com padrões determinados, ora vive um processo de mudança, agitação, experimentação, e hoje em dia, ela precisa sofrer mudanças estruturais tanto na escola quanto na universidade que prepara os sujeitos que vão atuar na escola.

Tais ideias sugeridas pelos entrevistados são interessantes e possíveis de serem postas em prática. É uma pena que dentro de um universo grande que é o ensino, há muitos professores que não pensam em mudança e sim na rotina, pois acham que não há

perspectivas positivas quanto à educação e a seu trabalho em si. Muitos docentes acham que os estereótipos tradicionais, como um professor que é considerado dono do conhecimento e fica em frente de um quadro passando um conteúdo, são padrões inatos, naturais e essenciais, por mais que eles sejam construídos socialmente (LEITE *et al.*, 2010). Nesse sentido, para enfrentar o pensamento convencional e já instituído, o humor serve como um aliado para o combate dessa situação corriqueira; o humor apresenta um caráter crítico e contrário a algum tipo de controle no que diz respeito à censura imposta em uma instituição, o que o torna um possível agente transformador da realidade (JUSTO, 2006).

Mas se cada professor pudesse parar e refletir sobre a sua ação educacional e a partir da reflexão pudesse transformar a escola em um ambiente melhor, mais alegre e interessante para o aluno, o ensino seria de melhor qualidade.

5. CONCLUSÕES

O principal objetivo deste trabalho era responder o seguinte questionamento: o uso de personagens pelo professor em sala de aula pode influenciar de alguma forma no aprendizado dos alunos? Algumas questões secundárias foram feitas: como o uso influencia? É positivo e/ou negativo? Se utilizar humor, o uso é válido? Por que alguns professores não utilizam ou de forma seguida? O que isso pode gerar no ambiente escolar? É uma possível estratégia a ser usada pela escola a fim de promover um melhor ensino? Tal recurso ajudaria em tornar a aula mais interessante e alegre?

A partir das análises feitas com os resultados obtidos na entrevista com os professores e no questionário direcionado aos alunos, fica claro que o uso de personagens é uma estratégia importante que atua como um agente mobilizador para o aprendizado. A maioria dos sujeitos questionados, tanto do ponto de vista docente quanto do discente, concorda que o recurso em questão influencia o aprendizado do aluno, sendo uma influência positiva para o desenvolvimento de uma aula.

Como todo recurso didático-pedagógico, o professor tem que pensar bem como, quando e para quem vai usar um determinado personagem. A maioria dos indivíduos pesquisados aqui concorda que há limites no uso, de modo que o professor tem que cuidar para não perder o controle da aula, para que não vire bagunça ou que o aluno só entenda como uma brincadeira. É uma brincadeira que tem seu valor, contudo o aluno

tem que entender até onde é brincadeira, cabendo ao docente explicitar isso. O uso que poderia ser mágico pode virar em um desastre, se mal usado, quando se banaliza um tema sério ou torna-se vulgar tal ação. Em relação ao controle, o professor tem que ter em mente que o uso deve explicitar os motivos para tal e contextualizar a aula de alguma maneira, se não vai falhar como recurso bom para o aprendizado.

Se usado de forma bem pensada, o recurso pode gerar diversos estados emocionais ou de comportamento no aluno que se relacionam e podem fortalecer e seguir uma direção para o mesmo ponto, objetivo maior de todo bom professor: o aluno construiu conhecimento (aprendeu).

Muitas desses estados no aluno são condizentes ao humor, um subproduto do uso de um personagem em aula. A literatura é clara quando diz que o humor auxilia no aprendizado, ressaltando a sua importância. De novo, lembro que o uso do humor pode ser um aliado, mas também pode ser o inverso, de modo que o professor como agente ativo deve se questionar quanto ao seu uso.

Na pesquisa descrita aqui, notamos concordâncias entre professor e aluno quanto a uma aula considerada boa. Isso é interessante, pois quando uma aula é boa é porque os dois atores envolvidos no ensino prático estão se entendendo. Eu aponto, também, que diversas características foram expostas nesse item, o que mostra a gama de possibilidades que o professor tem em suas mãos para utilizar, basta querer usar, ainda que vá depender do perfil de cada professor.

Os professores entrevistados neste trabalho veem alternativas para a escola se tornar um ambiente mais interessante e alegre para o aluno, que podem ser vistas como alternativas de mudanças de paradigmas. Empiricamente, eu penso que o uso de personagens é um recurso pouco utilizado na educação e é não é dada a devida atenção para o seu valor como uma alternativa para estimular a vontade do aluno em estudar e aprender. Acho que o uso de um personagem pode romper muitos paradigmas: uma aula não precisa ser séria o tempo inteiro; o aluno pode aprender brincando; se o aluno não tem motivação intrínseca ou não gosta mesmo de estudar, há formas de despertar uma motivação para tal, mesmo que seja extrínseca; o professor pode controlar uma turma, receber atenção deles, mesmo que a aula tenha humor caracterizado em um personagem.

Acho que todo professor deve viver em uma constante evolução, de modo a se adaptar a cada realidade e contexto. Para que ocorra a evolução, o docente deve estar atento, ser perceptível, autocrítico e flexível quanto a sua ação educacional. No que

concerne a isso, o professor precisa estar em constante reflexão quanto a sua aula e ao ensino de modo geral.

Analogicamente, o professor deve pensar que a escola é como se fosse um teatro. Diversos elementos são importantes para que a peça (aula) aconteça e seja um sucesso. É necessário diretores, supervisores, reuniões, roteiros, ensaios. Os principais elementos para que aconteça a peça são os atores (professores) e os espectadores (alunos). Sem ator ou sem espectador, não há encenação, não há teatro. Para que os espectadores tenham vontade de ir à peça e que permaneçam assistindo, tem que ter interesse referente ao roteiro escrito e apresentado. Se a peça não fizer sentido para o público ou perder a graça, quem ficará sentado (ou terá vontade sincera de permanecer no teatro)? Todo ator pensa como vai atuar, que elementos vai usar, de que maneiras vai interagir com o público, como vai fazer emocionar. Muitas ações podem surgir de forma espontânea, o que vai ser natural e característico de cada ator, que descobriu sua identidade ao longo dos ensaios e da experiência no palco. Em questão de tipos de personagens que são usados em peças, atores vão buscar perfis adequados a um determinado contexto e que o próprio se sinta bem com a sua atuação. Por mais que um ator use sempre o mesmo personagem ao longo da sua carreira, ele pode incorporar elementos novos a esse personagem, modificá-lo, transformá-lo conforme o gosto pessoal e do público.

Tanto no teatro quanto na sala de aula, o público quer sair satisfeito com o que foi assistir. A meu ver, uma peça de teatro pode ensinar muita coisa, assim como uma aula planejada por um professor. Se existem diferenças não importa, o que é mais importante é que os atores pensem e repensem as suas atuações. O professor, como um ator que interpreta um personagem ou vários, e também a sociedade devem ter consciência de que, análogo ao que foi dito, o professor é semelhante a um ator de teatro, de modo que também é um artista (na arte de ensinar) e quando por sucesso consegue chegar ao essencial que é a aprendizagem do aluno, ele como todo bom artista é merecedor de respeito e valorização, assim como de receber uma salva de aplausos por sua atuação na educação.

REFERÊNCIAS

- BOCK, Ana M. Bahia, FURTADO, Odair, TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **A Psicologia do desenvolvimento**. In:_____. Psicologias, uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 2001. Cap. 7, p. 97 – 110.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora. 1994.
- CASANOVA, Nuno, SEQUEIRA, Sara, MATOS E SILVA, Vítor. **Emoções**, 2009. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0132.pdf>> Acesso em: 05 jun. 2012.
- DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar em revista, Curitiba: UFPR, n. 24, p. 213 – 225. 2004.
- FRISON, Lourdes; SCHWARTZ, Suzana. **Motivação e aprendizagem: avanços na prática pedagógica**. In: Ciências & Letras. Porto Alegre: FAPA. n. 32. 2002. p. 117 – 131.
- JABLONSKI, Bernardo; RANGÉ, Bernard. **O humor é só-riso? Algumas considerações sobre os estudos em humor**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v. 36, n. 3, p. 133 – 140. 1984.
- JUSTO, José Sterza. **Humor, educação e pós-modernidade**. In: ARANTES, Valéria Amorim (org.). Humor e Alegria na Educação. São Paulo: Summus. 2006. p. 103 – 125.
- LEITE, Maria Cecília Lorea, HYPOLITO, Álvaro Moreira, LOGUERCIO, Rochele Quadros. **Imagens, docência e identidade**. Cadernos de Educação, Fae/PPGE/UFPEL, Pelotas (36). 2010. p. 319 – 335.
- LULKIN, Sergio Andrés. **A potência do humor e do riso na escola**. In: Alegrar. Disponível em: <http://www.alegrar.com.br/04/textos_A_04/04_riiso.pdf>. 2007 Acesso em: 05 jun. 2012.
- Melo, Ana Carolina Carvalho de. **Você se lembra do humor na escola? O humor no ensino de Ciências e Biologia**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Trabalho de Conclusão de Curso – curso de graduação em Ciências Biológicas, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- MORAN, Jose Manuel. **Educação que Desejamos: Novos Desafios e como Chegar Lá**. Editora Papirus. Campinas - SP. 3ª edição, 2007. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/desejamos.htm>> Acesso em 05 jun. 2012.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez. 2000.

PEREIRA, Mery Stéfani Leivas. **Aulas tradicionais como mecanismo de controle disciplinador-conformador de alunos: uma investigação no ensino fundamental.** Porto Alegre: UFRGS, 2009. Trabalho de Conclusão de Curso – curso de graduação em Ciências Biológicas, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula.** 2^a ed. São Paulo: Libertad. 1994.

ANEXOS

ENTREVISTAS

Entrevista: professor Pierrot

1) Por que você acha que suas aulas são consideradas boas por parte dos alunos?

- Um professor deve se preocupar com o aprendizado do aluno e não cumprir horário e apresentar aquele conteúdo. Uma grande preocupação do nosso ramo é a preocupação com o ibope. O que é o ibope? É o ligado ao carisma, muitas vezes não ligado a didática ou ligado ao humor, ou coisas alheias ao trabalho de ensinar. O que torna a aula depreciativa. O professor deve apresentar um bom caráter (é isso o que eu tenho pra mim). Independente de fazer rir ou fazer chorar, o bom caráter é a preocupação em que o aluno aprenda, o que te torna um bom professor. Porque o aluno vai perceber que fez alguma diferença na vida dele, naquele momento que ele estava ali.

- Mas que características que você tem que faz da sua aula ser boa?

- Eu tento criar um ambiente em que o aluno possa interagir comigo, mesmo que verbalmente e não só colocar o conhecimento que eu tenho no quadro, para que eles concluam alguma coisa. No caso da matemática, nós temos teoremas, axiomas, que são resultados de um raciocínio lógico, eu tento resgatar isso em sala de aula, sem o mínimo de memorização possível.

2a) Porque você escolheu utilizar tais recursos pedagógicos em sua aula (humor, figurinos, histórias)?

- Sem exceção, para tentar despertar algum tipo de emoção nos alunos, porque nós não aprendemos só com os sentidos, não é o "ouvir" ou o "ver", mas aquilo que a gente sente. Então desde tranquilizá-los no pré-prova, até despertar a atenção deles em uma história ou situação-problema, é necessário me caracterizar, não só me caracterizar, usar maquiagens, mas também encarnar o personagem, tentar interpretá-lo, às vezes vários personagens ou um "mini teatrinho", para colocar o aluno dentro de uma situação-problema e para ele poder pensar sobre matemática.

3) Quais estratégias a escola poderia fazer para que o aluno se sinta mais interessado e feliz pelas aulas?

- Eu acho de certa forma, irônico, muitas escolas ficam alheias a isso, justamente porque é um ambiente mais propício para isso, porque a construção de conhecimento ali pode ser muito maior, devido ao próprio tempo que pode se trabalhar. Sobre a seriedade do profissional, acho que isso é coisa de cada profissional, ninguém tem obrigação de ser um piadista ou humorista, ou de ser uma pessoa séria o tempo todo. Acho importante é despertar algum tipo de emoção dos alunos, que não precisa ser só do riso, mas pode ser a emoção da atenção, do fascínio, e tudo isso é essencial. Acho que tu se restringir só ao humor ou só ao fascínio (talvez a admiração) é uma limitação grande, acho que a gente deve tentar usar o máximo de recursos possíveis na nossa área. A gente erra muito e aprende muito, Então, quanto mais recursos, acho mais favorável para os alunos e para gente.

4) Imagine uma aula em que um professor de biologia, que para explicar um conteúdo referente à teoria do naturalista "Darwin", se veste como o próprio "Darwin" e começa a contar a história desse naturalista, encarnando o próprio. O que você acharia dessa aula?

- Eu acho uma coisa muito positiva até para atrair o aluno para aquela aula por questão de interesse. Eu mesmo já fiz algo parecido, tentei encarnar o "Arquimedes" em sala de aula para ensinar geometria. Eu acho muito válido, porque neste momento, tu tendo uma entrega do teu trabalho, há retorno por isso. O aluno às vezes está apto a querer aprender, mas ele precisa ser despertado no começo, para ser chamado, acho uma coisa extremamente produtiva, e deve ser usado. E não só como paródia, mas encarnar realmente o personagem, colocar ali um pouco daquele ambiente histórico, é válido para o aluno.

- Há algum personagem que você nunca interpretou, mas que já pensou em fazer?

- *Eu penso muito nisso. Já pensei muitas vezes em caracterizar como alguns matemáticos da antiguidade. Eu costumo contar histórias encarnando um pouco daquele contexto, visto um pouco como paródia, mas para atrair o aluno. Eu gosto muito dos livros do “Malba Tahan”, que era um professor que usava literatura como recurso para ensinar matemática, então muitas vezes eu adapto algumas dessas histórias na minha sala de aula para ensinar aquela matéria. Que tem haver também com aquela história de situação-problema, que tu coloca um contexto naquele raciocínio matemático.*

- ***Isso que você faz não é constante, você faz de vez em quando...***

- *Sim, na verdade, eu faço de acordo com o tipo de aula que eu vejo como isso se encaixa, não uso como regra, eu tento mudar bastante a aula, pra ao longo do ano, tentar surpreender os alunos de vez em quando. Até deixar eles com a vontade de ver aquilo novamente.*

- ***Você acha que isso se tornaria um problema se um professor tornasse isso constante?***

- *De forma alguma. Acho que depende como o professor torna isso constante. Porque se o professor faz isso com talento e dedicação, o próprio aluno vai ficar toda a semana pensando “o que será que vai ter hoje?”.*

- ***Então você acha que a surpresa continua ainda?***

- *Exato. Um bom exemplo disso são as séries de TV ou programas de entretenimento, que tu fica a semana inteira esperando aquele novo capítulo, acho que aconteceria o mesmo, se o professor faz isso com maestria.*

- ***Do ponto de vista pedagógico, você acha que os alunos aprendem com tal recurso?***

- *Com certeza. Acho que volta aquela situação que é aprender com tuas próprias emoções. É uma expressão artística do professor e a arte serve pra isso, para a gente encarar, principalmente para o aluno tirar as suas conclusões, um pouco mais sozinho. A gente às vezes não pode dizer “fulano de tal foi um grande pensador, foi isso e aquilo”, mas tu encarnando aquela situação, o aluno chega às conclusões, que é muito mais interessante do que despejar um conhecimento. O erro do professor muitas vezes é achar que ensina. A gente não ensina muito, eu não posso abrir uma gaveta no aluno e colocar um conhecimento dentro, mas quando o aluno interage, ele constrói o conhecimento, ele tira as conclusões e a gente aprende com eles também.*

Entrevista: professor Polichinelo

1) Por que você acha que suas aulas são consideradas boas por parte dos alunos?

- Primeiramente, eu tento expor a disciplina da forma mais simples possível, tentando pegar os conceitos básicos e relacionar com o dia-a-dia dos alunos, já que a química é uma disciplina bastante prática, diferente de uma biologia ou do português... lembrar o dia-a-dia deles nessa situação química e mostrar interesse para eles visualizarem a situação. Tentando mostrar exemplos práticos do dia-a-dia deles.

- **E a didática, o que você utiliza?**

- Praticamente quadro e giz. Às vezes, uma multimídia.

2b) Porque você não utiliza tais recursos (humor, figurinos, histórias)?

- Primeiro, porque eu não sou muito artístico nesse ponto... Eu gosto de quem utiliza esses recursos, mas eu não tenho essa criatividade toda, não desenvolvi ela, talvez ainda, mas gosto de quem usa.

- **Sei que você já dá aula faz 10 anos, você chegou a mudar teu método?**

- Sim, um monte. Tu vai aprendendo com o passar do tempo a trabalhar com determinados tipos de alunos, alunos de ensino médio, alunos de pré-vestibular, tu acaba aprendendo a lidar com cada situação, tu acaba mudando as tuas aulas também, a metodologia, a forma de abranger determinados conteúdos.

3) Quais estratégias a escola poderia fazer para que o aluno se sinta mais interessado e feliz pelas aulas?

- Acho que disponibilizar essas metodologias, essas práticas, usando personagens. A escola poderia auxiliar nesse aspecto. Pegar professores de outras áreas e tentar elaborar um tema em comum, por exemplo, pegar um de biologia, de educação artística, física, química e tentar abordar um tema em comum e trabalhar esse tema em todas as áreas, acho que isso ajudaria bastante. Porque a maioria das escolas acaba trabalhando apenas conteúdo por conteúdo. Então acaba distanciando um pouco o interesse do aluno nesse aspecto. A partir do momento que a escola engloba um tema e trabalha esse tema, acho que melhora bastante. Eu tive uma situação assim no colégio, aí foi bem bacana, teve uma semana que foi uma aula temática, onde cada professor buscou dentro daquele esquema encaixar o tema.

- **Você acha, então que os alunos dessa forma poderiam se interessar e melhorar o aprendizado?**

- Eu acho que sim, mas desde que a escola apoie a questão, porque às vezes não é só chegar ali e fazer toda uma aula temática e a escola simplesmente virar as costas e acabou. Não, acho que tem que ter comprometimento da escola, dos professores e apoio para que funcione.

4) Imagine uma aula em que um professor de biologia, que para explicar um conteúdo referente à teoria do naturalista “Darwin”, se veste como o próprio “Darwin” e começa a contar a história desse naturalista, encarnando o próprio. O que você acharia dessa aula?

- Acho que vai ser bem atrativo. Acho que o aluno acaba se interessando pelo personagem e ainda buscar quem era realmente o personagem, quem era Darwin, quem era Newton, quem era “personagens que podem ser adotados”. Eu acho que para o aluno, acaba sendo interessante. Eu não abordo, pela prática mesmo, mas eu acho bem interessante isso. Acaba instigando o aluno, “tá, mas quem era o personagem da tua aula? Luis XIV, Luis XV, quem eram esses caras?”. Tipo de vestimenta, tipo cultura da época acaba interferindo.

- **Então, você falou que o aluno fica mais interessado. Você acha que isso provoca algum tipo de emoção do aluno na situação mencionada?**

- Pode ser que sim. Tu acaba fazendo que o aluno tenha interesse, tanto pelo fator emocional ou pelo fator curiosidade. Acho que um aspecto ou outro tu acaba atingindo o aluno de certa forma.

- Há algum personagem que você nunca interpretou, mas que já pensou em fazer?

- Já pensei. No mais, a ideia era encaixar algum assunto com o personagem. Já tentei fazer isso, mas não deu muito certo. A ideia final não rolou. Já tinha pensando em trabalhar a parte histórica de química, o contexto histórico e abordar algum personagem, mas não vingou a ideia.

- Mas é devido à falta de prática ou você acha que não seria uma boa ideia?

- Eu achei que talvez no momento eu não seria o personagem, não me incorporaria o personagem, colocando-o em evidência. Seria eu dando aula normalmente.

- Você acha que isso se tornaria um problema se um professor tornasse isso constante?

- Acho que teria que ser favorável. O professor deve sentir o quanto está agradando o aluno. A partir do momento que tem alguma noção, tem expressões de avaliações diferenciadas. O professor tem que sentir o que está sendo bom ou o que não está sendo. Acho que tem que ter uma autocrítica. Mas acho que é sempre positivo uma nova atitude de trabalhar temáticas em aulas, com personagens em aula.

- Então, o professor deve utilizar vários recursos em sua aula?

- Acho que tem que utilizar. Tanto que porque nossa educação nos últimos anos tem decaído bastante. Tanto é que saiu uma pesquisa recente que nosso Estado tem o maior número de reprovação. Então, se o professor não te dá alternativas, isso vai acabar se agravando ainda mais. Acho que uma forma de instigar o aluno a buscar o estudo, uma alternativa seria essa de incorporar personagens, trabalhar temáticas.

- Qual a sua opinião sobre as aulas de determinados professores de pré-vestibulares que buscam um reconhecimento por parte dos alunos utilizando-se de atividades que visam mais o riso e pouco o aprendizado ou mesmo o conteúdo em aula?

- Alguns professores acabam utilizando isso, mas para a questão do riso e não pra fazer que o aluno aprenda realmente. Apesar de que alguns que acabam adotando musicinhas, cantorias que funcionam. Mas normalmente é mais apelativo. Acho bacana que consegue fazer musicinha, mas eu não consigo. Já tentei fazer outras aulas alternativas, mas a minha personalidade não é essa. No caso do cursinho tem a questão do tempo, tu acaba perdendo tempo. Normalmente o aluno de cursinho que é pago vai reclamar porque o professor quebrou o tempo fazendo uma atividade que não tinha a ver com o conteúdo de aula que vai ser cobrado em aula. Acho que em colégio isso seria uma alternativa válida. No cursinho tu acaba limitando um pouco, devido o contexto.

Entrevista: professor Pedrolino

1) Por que você acha que suas aulas são consideradas boas por parte dos alunos?

- Eu não sei se a aula pode se dizer que é boa, mas é uma aula dinâmica, é uma aula que envolve. Porque a primeira coisa que eu tenho ideia é a de que eu tenho que envolver esses alunos na minha atmosfera de trabalho. Eu tenho que fazer com que eles comprem as minhas propostas, com que eles topem fazer os exercícios e trabalhar com os materiais que eu trago. Então, a ideia é essa, é manter uma dinâmica, manter uma forma de me relacionar com eles que mantenham eles atentos, então, talvez, por isso, o Sérgio (professor que fez a indicação para entrevistar essa professora) tenha indicado como uma aula interessante. Talvez a palavra não seja boa, mas interessante (risos). Interessante para eles e para mim. Não quero uma aula enfadonha, também acho um “porre” uma aula não tem a menor graça, quando ela é séria demais, quanto ela é pesada demais. O que não quer dizer que a minha aula seja uma “bobajada” do início ao fim.

2a) Porque você escolheu utilizar tais recursos pedagógicos em sua aula (humor, figurinos, histórias)?

- Na verdade eu não escolhi, elas aconteceram assim, é a minha maneira de lidar com as coisas. Eu lido com as coisas de forma bem humorada no geral. Acredito que o humor constrói conhecimento. Acredito que as relações afetivas ajudam na construção do conhecimento na escola em teatro. Acho que quando os alunos sentem uma atmosfera prazerosa e tranquila, eles se sentem confiantes para fazer os exercícios e se colocar.

- Você acha que cria um estado emocional para o aluno?

- Eu acho que sim. Acho que o caminho é bem esse, a gente cria um espaço afetivo em que eu me comprometo com o outro, em que eu abro espaço para fazer o material proposto, eu vou lá e trabalho, onde a vergonha fica de lado por essa união do grupo. Então, acho que sim, toda essa parte bem humorada. Mas é muito uma característica minha, assim, em que foi tomando proporções. Eu me dou muitos direitos na sala de aula. Eu me atiro na mesa, se quero eu danço junto dos alunos. É totalmente espontâneo. E que daí começou a se vincular muito com a imagem do meu palhaço. Meus estagiários que notaram que eu usava muito o recurso do palhaço, do meu “clown”, quando eles me viram em ação. E daí que eu me dei conta que eu utilizo e a partir disso que eu comecei a utilizar mais conscientemente até. Ou identificar de forma mais consciente.

- Quando essa espontaneidade surgiu?

- Começou a ficar mais evidente lá por final do ano de 2007 (ela dá aula desde 1999; na escola atual ela deu aula entre 2005 a 2007, e de 2009 até o momento da entrevista) em que eu comecei a perceber, a me dar conta. Mas foi quando eu retornei para cá em 2009, em que eu tinha aqui e outra escola, e tinha que dirigir espetáculos, tinha muitos alunos, eram 300 alunos naquele ano, 36 horas dentro de sala de aula. E nesse tempo daí que ficou mais evidente essas minhas características. E como se eu tivesse constituído a minha identidade de professora. Utilizando esses recursos, mas não só com eles. Eles fazem parte da minha identidade como professora, mas não são os únicos.

3) Quais estratégias a escola poderia fazer para que o aluno se sinta mais interessado e feliz pelas aulas?

- Eu acho que primeiro tem que sair desse espaço escolar que enclausura, tem que sair de dentro da caixa preta daqui (a sala de aula onde estávamos era coberta com um pano escuro, próprio para aula de teatro), tem que sair de dentro da sala de aula quadrada. Só que sair de uma sala de aula não é simples, porque dispersa o aluno. Então como é que tu faz para proporcionar espaços que sejam diferentes daquele espaço fechado, em que permite uma relação mais unilateral, onde o professor explana, explana, explana. Acho que os professores tem que ter muita consciência da sua função de interlocutor entre os conteúdos ou habilidades e competências em que ele pretende desenvolver e a vida desses alunos. E acho que o professor tem que buscar, sim, a sua identidade, não se escondendo atrás de uma coisa severa ou de uma figura que a gente tem de professor, mas distante do aluno, para manter rigidez ou até para manter o comportamento dos alunos em sala de aula. Porque não é fácil trabalhar com o humor e manter eles em sala de aula ao mesmo tempo se envolvendo. Porque chega uma hora em que crianças e adolescentes acham que podem fazer a baderna que quiserem, a brincadeira que quiserem que cabe,

porque tu estás fazendo. Então, como é que eles encontram este caminho do que é permitido, do que pode de fato ser na sala de aula, e aquilo que extrapola os limites, aquilo que pode machucar o outro em termos até de comentários ou de brincadeira, quando é que eu posso me colocar e fazer uma brincadeira dentro da aula sem atrapalhar a dinâmica da aula. Então, acho que requer consciência do professor, principalmente de si, das suas características. Porque às vezes um professor super sério, pode ser um professor maravilhoso. Porque ele é afetivo. Não é regra ter bom humor. Às vezes tem um professor com as aspas, aparentemente humorado, cheio das gracinhas, mas totalmente inconveniente e acaba transformando o humor em uma parede entre ele e o aluno. Então, até utilizando personagens em que o aluno acha aquilo ridículo, porque ele está se colocando de uma maneira que não cria credibilidade, então o professor tem que encontrar a sua maneira de ser verdadeiro.

- Então, o humor pode fortalecer o aprendizado, mas também pode...

- Pode. Mas também pode se tornar uma barreira, se usado de maneira inconveniente, se for usado para debochar ou destruir, se for trazido elementos que não são aqueles trabalhados em sala de aula. Uma das coisas que eu falo para os meus alunos é se divertam com o jogo e pelo jogo, não pelas brincadeiras paralelas que o jogo pode gerar ou como ficou ridículo determinado colega. Até quando o humor é sarcástico, que é um humor que também ensina, ele tem que ser precioso. Ele não pode ser vulgar, jogado fora.

4) Imagine uma aula em que um professor de biologia, que para explicar um conteúdo referente à teoria do naturalista “Darwin”, se veste como o próprio “Darwin” e começa a contar a história desse naturalista, encarnando o próprio. O que você acharia dessa aula?

- Não sei, porque eu teria que ver a aula. A aula pode ser muito boa ou uma m@#\$. Acho que isso vale porque isso pode criar conexão com a platéia, com os alunos. Criando conexão com os alunos, vale tudo.

- O que seria essa conexão?

- Atenção, dos alunos toparem e acreditarem no que tu estás propondo, deles se envolverem no que tu estás propondo. Acho que daí é extremamente válido. Se for só uma maneira de simplesmente chamar a atenção, mas não garantir o envolvimento ou ainda promover uma reflexão a respeito de, daí pode ficar meio “outdoor”. Porque, por exemplo, “ok”, ele se veste de Darwin e vai lá, mas que reflexões podem vir a partir disso, que estereótipo está se criando daquelas figuras e que talvez sejam desconectadas da realidade. Mas na verdade é como o professor aproveita esses recursos, porque pode fazer de maneira superficial ou pode utilizar aquilo de maneira bombástica. Se só me visto e vou dar uma aula sem se me transformar, sem trazer algo novo para mim, tu só mudou de roupa para dar aula. Mas se aquilo propõe uma nova dinâmica, uma nova relação com o aluno, que propõe que ele possa imaginar, que ele também possa brincar, que possa indagar. Assim, promove outra relação daqueles estudantes com aquela matéria, nesse sentido sim. Mas ir para lá e se “micar”, só para ser o divertido, daí morre ali.

- Mas no modo geral, se for uma aula que gera interesse e envolvimento do aluno, você acha positivo?

- Eu acho positivo. Que vá fazer o aluno ter outra perspectiva a respeito daquele tema, daí sim. Ele não pode ser vulgar... mas tem o personagem professor. De que máscara eu me coloco para estar na sala de aula, para me proteger.

- Você sendo um professor de alguma forma está encarnando um personagem...

- Na verdade tu vai ter que definir bem o que é o personagem. Porque para mim parece mais uma máscara. Aquela coisa: de como eu me porto para dar conta daquela situação. Diferente do que como eu me porto na praia, em casa,... Então, de alguma maneira eu estou criando uma máscara, algo que me distancia, me protege ou que é assim que eu quero ser reconhecido. Aquela imagem de como eu quero ser reconhecido como professor. Então tem duas vertentes.

- Você me disse que nunca utilizou de fato um figurino ou um personagem, contudo teria algum que você pensou em fazer?

- Não...

- Neste exato momento não poderia pensar em nenhum?

- Não... (risos). Porque agora o que anda mais latente em mim é o trabalho do palhaço e de como isso aparece no meu comportamento em sala de aula.

- Mas nesse palhaço, nunca pensou em algo além, por mais que seja espontânea tal representação?

- Não... de utilizar como recurso, não. Talvez se transforme um dia em uma pesquisa para mim de doutorado, do tipo como pode se tornar recurso ou instrumento para construção da identidade docente. Mas ainda não. Porque se não a confusão começa a ficar muito grande. O palhaço é a professora? Não, é a professora, mas que se utiliza daqueles recursos. Porque o palhaço é uma dilatação do “eu”. Não é uma coisa extra, é eu. Exagera mil vezes o meu comportamento aqui contigo.

- Deixa-me entender melhor. Em um circo, o palhaço lá também é uma dilatação do “eu”?

- É, depende também do circo. Se tu tem as famílias de circo, que os filhos acabam fazendo os trabalhos dos pais, eles costumam repetir números e encontrar a sua maneira de fazer. E no encontrar a sua maneira, vai trabalhar com essa identidade deles. No processo de teatro a gente explora muito as máscaras escondidas. Todas as possibilidades do teu “eu” que aparecem em momentos assim de ação e reação imediata, que não dá tempo de tu manipular pelo pensamento. “Ah eu vou me sentar adequadamente, eu vou me portar assim”. Quando tu vê está agindo e reagindo de forma espontânea, sem passar pelo filtro do pensamento social.

- Mas é só no palhaço que acontece isso?

- Tem pessoas que utilizam esse processo em várias outras constituições de personagem. Por exemplo, eu descubro facetas do “eu”, descubro coisas novas para esse meu “eu”, mas eu vou utilizar para a composição de um personagem. Eu descubro características do meu palhaço.

- Como se descobre isso?

- Se descobre em processo de trabalho físico. Muito trabalho de processo físico com bom orientador, indicando exercícios, trabalhando em grupo e sozinho. Daí tu mesmo vai fazendo suas escolhas, eu mantenho isso ou aquilo.

- Você pode aprender sozinho isso?

- Tem pessoas que conseguem. Mas acabam mais cedo ou mais tarde com um orientador ou professor. Alguém que possa ter um olho de fora e dizer “percebe mais isso, olha a atenção para aquele outro, que aparece muito frequente no teu movimento”. Quando a gente está em um trabalho físico tem ações que se repetem naturalmente.

- Isso não é planejado?

- Não... mas daí depois que ele é consciente, ele pode ser planejado. Por exemplo, eu descubro minha sequência de ações, eu descubro as minhas reações espontâneas, então eu posso prever, posso programar, posso montar roteiro.

- Isso não pode ser transferido para sala de aula? Como construção do professor?

- Sim, eu acho que é a coisa da identidade de professor, da identidade docente. Quando eu tenho consciente da minha maneira de estar e de interagir. Quando eu começo a ter consciente de determinados instrumentos que eu possa lançar mão para ter esse aluno próximo. Eu acho que a identidade passa não só pela maneira como eu estou ali, mas como eu tenho consciência dela. E começo utilizar a partir daí de forma consciente. Digo: “Ah tá, tu tá longe da minha aula, tu não tá vindo, não consegui te chamar para dentro do trabalho, para atmosfera”, então, por exemplo, eu vou lá e pego na mão. Porque daí eu sei que quando eu toco o aluno, ele vai olhar para mim, ele vai construir um determinado compromisso comigo. Se não funcionar isso, eu lanço mão de outras estratégias, que são coisas que eu fui descobrindo no decorrer da minha trajetória. Porque para outros professores, talvez, o

pegar na mão não funcione. Pode ser horróroso, o aluno não queira o toque. Pode ser que nem todos os alunos, eu pegar na mão possa funcionar. Tem que estar aberto para perceber.

- Você acha que todo professor poderia praticar esse trabalho físico que dizes?

- Acho que todo professor deveria. Nós tivemos uma vez, em uma época, eu fiz um curso de palhaço para professores aqui. Mas eu nunca cheguei a pesquisar de fato se reverbera em alguma coisa em sala de aula. Isso requer uma pesquisa longa, requer toda uma constituição de metodologia que eu não tinha. Do professor poder se descrever na sua prática, daí depois ver se altera ou não. Então requereria uma reflexão. Mas talvez sim, fosse bastante transformador para muitos, para outros tantos não. Quem nem Caetano Veloso “Sim ou não” (risos).

- Eu te perguntei isso, porque em outra entrevista, o professor disse que não utiliza tais recursos, pois não fazia parte dele...

- É complicado, não é qualquer um que consegue. Tem uns que utilizam o personagem como forma de máscara mais pesada ainda.

- Para se esconder?

- É, porque daí eu estou protegido por uma figura que me permite tudo. O personagem, a máscara, permite muito. Então assim, até que ponto a tua máscara te ajuda a revelar e a construir relações sinceras ou até que ponto essa máscara constitui uma defesa tua.

- Ou um pouco dos dois...

- É, ou um pouco dos dois.

- Então voltando, você acha que o uso de personagens pode influenciar no aprendizado do aluno?

- Pode influenciar, positivo ou negativo. Porque ao mesmo tempo em que quando eu contando uma história e eu faço uma voz diferente, eu estou fornecendo outro signo a este aluno, para ler aquele personagem, eu estou fornecendo outro material. Ao mesmo tempo em que pode ser um signo bom e positivo ou não, ao mesmo tempo em que alguém lendo linearmente pode ser tão bom quanto. Porque pode permitir ao aluno imaginar. É que tudo depende muito. Pode ser muito bom, mas depende dessa relação que o professor vai estabelecer com esses alunos. De como ele vai utilizar esse personagem, de como ele vai utilizar essa máscara.

- Em sala de aula, você acha que o professor descobre isso?

- Ele pode se constituir, isso “ok” funciona, não funciona...

- Funciona para ele, mas para os alunos?

- Ah, como ver? Acho que um professor percebe no nível de envolvimento com os alunos. E o nível de envolvimento dos alunos é gritante... conversa em sala de aula, manipulação de telefone, fica riscando no caderno, coisa e tal. Para mim o foco do aluno é importante, o olho. Se o olho está vivo, vibrante, ou vira e mexe, mesmo ele estando escrevendo e ele volta, porque ele está pescando, está fazendo, tu tem claro que tem a turma na mão. Mas tu tá ali, todo caracterizado, todo montado, e os alunos continuam manipulando celular, computador, desenhando, mandando bilhetinho, não tão nem aí, então não está funcionando. Acho que o indicador é isso. É a relação direta.

- Então vai depender também do aluno?

- Vai depender... não. Eu sempre acho que a culpa é do professor (risos). Depende de certa forma do aluno, sim, o aluno passou a noite tomando todas, fez a farrá, daí nem é a tua obrigação chamar esse aluno para dentro da atmosfera de trabalho. O aluno tem dificuldades cognitivas sérias, tem déficit de atenção, essas coisas determinam bastante a relação. Mas acho que em grande parte quem segura o estado de atenção é o professor. Para bem e para ruim. Acho que a gente é o culpado.

Entrevista: professor Colombina

1) Por que você acha que suas aulas são consideradas boas por parte dos alunos?

- Eu comecei a usar os personagens justamente porque eu acho que o aluno se cansa muito com nosso visual. Então, o fato de surpreender o aluno com qualquer figurino é algo fascinante. Que tira todo um brilho, fica meio apavorado, diz que “cara legal”. O silêncio é horrível. Porque fica uma coisa pré-estabelecida, quem bagunça sou eu. Isso dá uma crise no bagunceiro, porque você pegou de surpresa. Ele que gosta de se aparecer, daí não aparece mais. Assim, ele fica meio indignado, assim eu ganho ele para a sala de aula. Porque eu vejo assim, hoje em dia existem múltiplas inteligências emocionais em sala de aula. Nosso jeito de dar aula, que só pega aquele aluno inteligente, bonitinho, tudo certo. E aquele disperso? Ou aquele que de repente gosta de coisas mais agitadas? Então eu trago essa proposta para eles. E o que diferencia da minha aula do outro, é que minha aula ainda é uma aula tradicional. Porque eles pensam que esse personagem é uma coisa nova, e não existe nada de novo na criação. O que é novo no personagem? Eles acham que o novo é o mesmo tradicional. Só que o aluno percebe o professor que dá aula com paixão. É um quase um pacto, que na aula desse cara eu não vou bagunçar. Por quê? Porque esse cara é muito “afu”. Entendeu? Ele dá um sentido ali. Eu notei umas coisas também que muitas turmas são de 30 alunos, as minhas turmas não passa de 70. Porque tem aluno que assiste o primeiro, o terceiro, o quarto, o quinto.

- Eles se sentem mais agradáveis?

- Claro, há um clima naquela gurizada ali dentro. Entendeu? Porque eles podem fazer qualquer pergunta.

- Você mencionou o termo “emocional”. Você concorda que essa maneira de dar aula, desperta o lado emocional do aluno?

- Desperta tanto que eu tenho... É natural normalmente as meninas se aproximarem mais do professor. No meu caso, os meninos se aproximam muito. Eu sou uma pessoa tocável. Pode tocar em mim. Pode “zoar” da minha careca. Problema nenhum. Eu não tenho problema com isso. Por isso eu “zoo” primeiro, por que o aluno vai pensar: “ah eu não vou zoar, ele é inzoável.” E eu sou “zoo” direto com eles. E não há uma maldade. Eles sabem como se “esse cara fosse mais um brother meu”. Mas a diferença é que nem em todas as minhas aulas eu venho com um personagem. Porque o aluno também cansa de coisas dinâmicas. Interessante é fazer uma dinâmica, um texto, uma saída. Existe um momento em que eu possa bagunçar com a matéria para eles aprender e existe o momento em que eu posso dizer: “não... isso é sério, eu preciso a atenção de vocês”.

- E eles compreendem?

- Eles compreendem, porque não existe uma regra estabelecida. Fica a coisa no ar. “Quer ficar na boa, já te pedi silêncio, na boa aí”. Ou os alunos falam para outros: “o meu fica quieto”.

- Então, eles chamam a atenção dos outros?

- Gera uma confiança, não fica aquele esquema chato. Tem colegas nossos aqui, nós vamos ter uma reunião, porque os alunos estão demais. Só que eu não abri a minha boca na reunião, porque eles vão dizer “ah mas tu é o bonzão”. Existem outras formas de tu exercer uma liderança. Tem dias que eu tenho que falar firme com eles. Eles (alunos) falam umas “como é que ele é legal e está falando grosso agora”... Ahh vocês passaram dos limites.

- Você utiliza muito o humor bastante, então. Você acha que o humor é um recurso...

- Catalisador.

- Para o aprendizado?

- Aprendizado. Assim, quando tu já entra e está vestido de alguma coisa, talvez seja o sonho deles. E muitos vêm falar comigo, tem alguns meninos que “bah, queria tu fosse meu pai”. Eu digo “bãã, cara” (surpresa). Eu sempre desmistifico isso. Cara, eu tenho conta para pagar, eu estou no SPC na Renner, eu

preciso falar para eles que sou normal. Cara, eu ganho relativamente bem, porque eu dou aula em quatro particulares. Mas a mesma aula que eu dou aqui é a mesma que eu dou nas particulares. Eu não faço diferenciação de turma, nem porque eles pagam mal. E eles sabem disso. O aluno sabe. Sou uma pessoa que dá aula por paixão. Então, na aula desse cara, não vou bagunçar.

2a) Porque você escolheu utilizar tais recursos pedagógicos em sua aula (humor, figurinos, histórias)?

- Tava um dia no aniversário da minha sobrinha, uns três dias antes, e eu estava com ela sentado no colo. Ela tinha dois aninhos e falava umas palavras estranhas que eu não conseguia entender. Daí, ela estava folhando o jornal e disse “Titio, titio, Senhor Incrível!” (com muita animação). Eu perguntei para ela como ela sabia quem era o Senhor Incrível. Ela olhou para mim, como se fosse “ããhhhh, Senhor Incrível né”. Aí, no aniversário o que eu fiz. Eu peguei amiguinhos dela e coloquei em uma sala, projetei um filme na televisão, no DVD, e eu comprei a roupa, mandei moldar no meu corpo de Senhor Incrível. Apaguei as luzes, entrei na sala e as crianças começaram a gritaria e eu falei “tchan, tchan!”. Peguei uma criança no colo e a minha sobrinha olhou para mim apavorada por uns 15s. Cara, eu sempre quis fazer alguma coisa diferente. O que vou fazer?

- Já dava aula?

- Sim, já dava, mas eu queria transformar a minha aula, por eu sou uma pessoa inquieta. Como eu vou fazer uma aula em que os alunos possam mesmo doentes vir em minha sala. Que lote. Então, comecei a criar personagens. Primeiro foi o Senhor Incrível, depois o Shrek, que eu pintei meu próprio rosto, depois foi o Superman. Depois foram personagens femininos, a Shakira, a Xuxa, a Glória Gaynor. Depois o Cowboy do Village People, todos os personagens de Village People menos o índio. Eu sempre digo para eles uma senha quando eu for vir. “O gente, semana que vêm não vou poder vir, mas vai vir um amigo meu, um cara de outro país que chama Kryptonita, oh tratem ele bem”. Aí, quando eu paro o carro ali embaixo, já saio com o personagem dentro do carro. Então os alunos já estão me esperando na frente da escola. Então, já tem aquele burburinho. Daí, os alunos das outras turmas querem entrar para ver, porque eu não dou aula para todas as turmas do primeiro ano. Daí, sempre tem o xingamento “porque tu não dá aula para gente?”. Ué não fui eu que escolheu as turmas. “bah mas meu professor não é assim.” Mas eu sempre falo para eles que dentro de um processo de uma escola existe a dialética, existem os diferentes. E é importante existir os diferentes, só isso aqui é meu trabalho. Eu gosto do jeito que eu faço.

- E esse recurso veio de uma forma espontânea?

- É, foi espontâneo. Não acho que seja uma coisa inovadora de maneira alguma. Mas é o jeito de encarar, posso dizer para eles que eles podem aprender, brincando. O aprendizado não é entre quatro paredes, mas ele é no mundo. Eu preciso fazer relações em minha aula para eles verem que tem sentido o que estou falando. Não é ser exatamente desconectado de alguma coisa.

- Mas seus figurinos têm relações sempre?

- Nem sempre. Como por exemplo, semana que vêm, eu vou vir vestido de Superman, porque vou fazer uma super revisão. Ou uma Incrível revisão. Quando eu vou falar de homofobia, eu venho vestido de Village People. Parece que se tem um propósito, tem uma credencial. E eu desmistifico também, só porque eu vim assim, que eu sou gay, se eu dou um beijo no rosto do meu amigo, que sou gay, não. E aí rola coisas em sala de aula: “oh professor, vou falar alguma coisa aqui, eu sou homossexual”. Talvez não falasse em outra oportunidade, em uma aula careta. E eles falam, cara. Aqui na escola existem multiformas de ver esse assunto, que é incrível. Acho que o pessoal procura essa escola, porque nessa escola não penetra o careta. Então, eu tenho que falar para todos os públicos. Em outros eu dou uma freada. Porque aqui eu posso falar. Aqui eu tento me esforçar o máximo.

3) Quais estratégias a escola poderia fazer para que o aluno se sinta mais interessado e feliz pelas aulas?

- Nossa, tocou em um ponto que eu me apaixono. Eu acho que dar uma aula com paixão. Uma aula com sedução. Seduz teu aluno. Eu chego na sala de aula e digo, cara é um prazer muito bom estar aqui. Eles têm essa confiança. Tu passa isso para eles. E eles sentem. Eu sou importante. Toda a vez que a gente vem na escola para dar uma nota ou conceito, é de repente é o único momento talvez da vida daquele

aluno, em ouvir uma palavra de conforto. E eu vou lá e digo com prazer, você tirou zero, bagunceiro. Ou Talvez, o meu tu não quer tirar zero, olha essa questão, aqui tu desviou, mas cara se continuasse a seguir o raciocínio, excelente. Então, se eu saio de casa para dar uma aula ruim, eu não saio de casa. E eu não falto. Então, eu gosto de vir para dar uma boa aula. Já é pré-estabelecido isso, eles estão me esperando. Muitas vezes, eu não tenho uma boa aula para dar para eles. Então, como disse uma aluna em uma reportagem. “É o ponto alto da semana”, entendeu, eu não posso decepcionar aquela criatura. Então, tem vez que estou cansado ou doente, tenho alguns problemas pessoais, mas na sala de aula é meu show, é meu palco. E acredito que através disso, acho que você pode mudar alguns conceitos em educação. Como eu já disse, se não der com Piaget, vai com Pinochet mesmo (risos). É meio complicado tu tem chegar meio carrancudo e conquistar devagar, não pode ser só alegria. Cada sala tem um momento diferente.

- Você vai aos poucos conquistando eles...

- Tem turma que eu só entrei com um personagem até agora, e já outras entrei com cinco. O negócio é sedução.

- Mas funciona com todos os alunos?

- É a coisa engraçada assim. Eu não dou aula, nem para os segundos, nem para os terceiros anos. Mas tem alunos que querem assistir, que o comentário se espalhou geral. Então a curiosidade atíça também. Como é a aula do cara. Porque aqui eu sou uma pessoa normal. Eu não sou criança o tempo todo. Às vezes, o aluno vem e diz, que deve ser um barato conviver comigo, acho que eu iria rir o dia inteirinho. Eu digo, não, não. Eles criam uma imagem. Adolescentes são uma viagem, eles tanto que te amam, quanto te detestam da mesma força. Tem momento que eu vou do brincalhão para o sério, eles falam: “o professor tu não é meu amigo?”. Sou, mas se pisar na bola...

- Tem que dar limites...

- Vou te dizer que é bem raro, mas de vez enquanto tenho que intervir. Porque alguns querem participar para aparecer. É uma disputa de vaidades. Eu não brigo para ver quem faz mais piadinhas. Eu deixo... vai, vai... (risos).

4) Imagine uma aula em que um professor de biologia, que para explicar um conteúdo referente à teoria do naturalista “Darwin”, se veste como o próprio “Darwin” e começa a contar a história desse naturalista, encarnando o próprio. O que você acharia dessa aula?

- Cara, tocou em um ponto muito legal. A minha melhor aula é sobre isso aí. Eu começo com essa. Eu venho sem personagem. Eu começo a falar sobre o criacionismo. Falo das partes da bíblia, que como criou o homem. Eu explico toda a criação do mundo. Só eu falo sobre como o homem pecou, como se o homem tivesse pecado. Então, quando eu vou falar da parte de evolução, eu abordo situações dentro da evolução, mas situações deles mesmo, do dia-a-dia. Cara, e é um barato, não faz ideia o negócio. Ai como é que vou entrar no personagem. Na outra eu posso vir de qualquer bicho ou ogro, que eu vou explicar o lado mau, perverso dos meninos. Cara, tem que ver o brilho que é o negócio. Eu começo a dar pau nos caras direto. “Isso não é evolução”. “Isso não é o que os caras fazem com vocês, né, gurias?”. “Não, não tem ninguém mais gentil”. Daí eu pego o violão, porque eu sou músico. E daí começo a fazer um acústico de músicas românticas. Cara, tu não sabe como fica o negócio. Depois eu olho um pouco do ponto de vista das meninas. E é um barato, cara. Tudo a partir da evolução e do criacionismo e muito legal.

- Mas você é formado em que afinal? (risos)

- Eu dou aula de literatura, sociologia, geografia, estudos contemporâneos e sou formado em história. Comecei a tapar furo. Eu sou um cara que se tu me dar um desafio hoje...dar, por exemplo, uma palestra na UFRGS de 20 minutos...cara, não posso ir e lá dar uma palestrinha chocha. Eu vou criar alguma coisa dentro que tu vai me falar. Se for usar personagem melhor. Eu tento colocar ele no conteúdo. Relacionar direto. Se eu não consegui relacionar eu não vou sair. E eu vou dar a minha melhor aula, com certeza, os 20 minutos.

- Eu soube que tu fez teatro...

- *Eu não sou formado em teatro. Eu fiz cursos de Stand Up Comedy. Tu pega o dia-a-dia deles e torna aquele contexto engraçado. Não é só falar sério. Tu tem que achar uma brincadeira no meio do sério. Eu posso ensinar também do lado da brincadeira.*

- *Você acha que o professor deve sempre utilizar isso em sala de aula?*

- *Não, nem sempre. É um recurso. Eu sou meio hiperativo. Então, eu não aguento, que eu penso que o aluno não vai aguentar isso aqui. Eu faço uma aula com um texto, ou faço uma aula lá na rua, dou uma aula aqui dentro, dou uma aula no vídeo. Tento fazer. Existem múltiplas inteligências. Mas tem dia que eu não estou a fim de dar aula.*

- *Mas o que você faz?*

- *Cara, esse dia é difícil. Eu tenho necessidade de falar com as pessoas. Daí, eu chego na aula e digo “não estou legal”. Os alunos percebem. Eles conhecem muito mais a gente do que a gente conhece eles. Repararam na mesma camisa da semana passada, o cabelo, eles sabem tudo. Até na rua, eles te encontram. “ah te vi lá no centro em” (risos). Ué eu tava com a minha esposa”. É muito rápido esse contato, só que a gente não pensa se é a mesma quantidade que eles conhecem a gente do que a gente com eles. A gente conhece, o fato de estar apenas um período. Por exemplo, dou um período, na outra semana tem uma folga ou greve. Tem uma turma que fazia dois meses que eu não entrava.*

- *O que você acha se o professor não tenha aptidão ou experiência para isso?*

- *Olha, é meio susto. Tu pode descobrir umas coisas. Tem um colega do meu cursinho que ele não tem jeito para isso. Daí teve uma aposta que ele tinha que dar aula de Lady Gaga. Ele tremia e falava que não ia conseguir. Eu fui de Xuxa. Ele tava preso e o cara começou a se soltar. O depoimento foi o seguinte depois “cara, que afu#\$, muito obrigado por esse oportunidade”. Fez um sentido na aula do cara. Foi como um veneno. Ele disse “vamô fazer projeto de novo juntos?!”. Falei para ele primeiro ficar calmo. Aquilo aí, mudou a vida do cara. Ele fazia doutorado na época, achava que as minhas aulas eram muito brincadeira. Começa a passar isso, se as pessoas não conhecem seu trabalho. Que é só isso. Daí, perguntei para ele porque as aulas dele eram matadas e as minhas, não. É, nada a vê, os alunos não querem aprender. A partir da experiência vestido de mulher, de certa forma começa a mexer com o corpo. Começa a ver com um olhar mais simpático.*

- *Há algum personagem que você nunca interpretou, mas que já pensou em fazer?*

- *Eu sou um cara sem limites. Dá uma ideia, e eu vou para casa, e essa ideia começa a me cutucar, ela não me larga o dia inteiro.*

- *E é do nada?*

- *E é do nada. Vou dar um exemplo como isso funciona na minha cabeça. Em uma madrugada, uma amiga minha me ligou. “Eu sei que o que vou te pedir é difícil, mas...minha amiga vai fazer 55 anos. A mãe dela morreu faz dois anos. Ela fala para a gente que tem uma tara por bombeiro.”. “Tu tá loca? E é com mulher e homem?”. “É só mulher”. Ela desliga o telefone. Daí, comecei a falar comigo mesmo, como é que eu ia fazer isso, não vou fazer. Daí, ela liga de novo e pergunta se eu tinha pensado. Daí eu pergunto para ela como ia ser o negócio. (risos). Cara, me depilei, fiz bronzeamento artificial. Cara, era só 5 minutos. Coloquei uma música. Fiz uma encenação. A mulherada começou a gritar. E esse fator medo de entrar, falta dois minutos. Aquele frio na barriga, que me impulsiona para frente, ao invés de ficar travado. Quando eu faço personagem, antes de entrar em sala de aula eu digo “Tá, e aí?!”. Tem sala que não funciona. Que é frustrante. Mas tem aula que é um delírio. E é maravilhoso. Tudo tem um começo.*

Entrevista: professor *Dottore*

1) Por que você acha que suas aulas são consideradas boas por parte dos alunos?

- Eu acho que eu busco fundamentalmente contextualizar os assuntos. Busco utilizar metodologias digitais, por exemplo, estou direto no “facebook”, falando com eles ou mandando arquivos, fico mandando no celular por Bluetooth vídeos para os alunos. Eles baixam e assistem.

2b) Porque você não utiliza tais recursos (humor, figurinos, histórias)?

- Por que não faz parte de mim. Não é o meu perfil. Eu não conseguirei encarar um personagem. Até conto alguma piada, mas não é algo planejado, é algo próprio de mim, que vêm por acaso.

3) Quais estratégias a escola poderia fazer para que o aluno se sinta mais interessado e feliz pelas aulas?

- Essa história de ficar quatro ou cinco horas dentro de uma sala de aula, é um verdadeiro absurdo. Isso não existe. Só pode dar uma evasão desse tamanho. Meu aluno vem lá da lomba do pinheiro, vem de lá da restinga, ele aprende muito mais no trajeto que vem no ônibus do que segregar dentro de uma sala de aula. Mesmo passando o filmezinho que eu passei para eles do telecurso dentro do ônibus. Na verdade, tem que ter uma revolução institucional dentro da escola. Não é uma ou outra, é um universo inteiro voltado para um novo sujeito, para preparar um novo sujeito, para uma nova sociedade. Os professores vivem em uma sociedade antiga. Hoje necessitamos outro conhecimento, as relações de trabalho, relações de produção. Produção do conhecimento totalmente diferente do que os professores hoje pensam ainda. Como tu vai preparar um aluno para o novo mundo se tu vive no antigo. Totalmente à margem. Exclusive é outra linguagem. Hoje tu fala “Pessoal, vocês tem que estudar”. Estudar para mim, é vir a aula, chegar em casa, pegar um livro, ler e tal. Para eles, estudar, é vir na escola e passar as quatro horas aqui. “Eu estou estudando, professor”. Essas conotações, essa polissemia que a palavra estudar tomou, é preciso que a gente entenda.

- Em cursinhos pré-vestibulares existe essa conotação de estudar também...

- Ainda que o cursinho treina os caras para uma situação. Tudo bem, mas aqui (escola) a gente educa, aqui é diferente. Outra proposta. Mas de qualquer forma ainda está muito entrelaçado, as coisas estão muitos entrelaçadas.

4) Imagine uma aula em que um professor de biologia, que para explicar um conteúdo referente à teoria do naturalista “Darwin”, se veste como o próprio “Darwin” e começa a contar a história desse naturalista, encarnando o próprio. O que você acharia dessa aula?

- Eu acho interessante. Eu acho que inclusive para adolescente ser um fator motivacional. Eu acho que despertar motivação extrínseca ao aluno, usando esse tipo de estratégia, acho muito válido. Mas acho que isso tem muita a ver com o professor. Acho que nem todos têm esse talento. Daqui a pouco, tu tem vários níveis cognitivos para desenvolver no aluno, até, por exemplo, vou trazer agora um exemplo da física...nesse aspecto, ele poderia entrar vestido de Issac Newton e trabalhar sobre as leis de Newton. Mas fundamentalmente é tentar o aluno entender, o que e como Newton pensava. Quando desenvolveu essas leis. De que forma era tratada a ciência e o conhecimento científico. Que diferente de Einstein, por exemplo, que realmente quebrou todos os... o Einstein não, mas essa turma toda, quebrou todos os alicerces da ciência a ponto deles duvidarem se a física seria ainda uma ciência. Acho que hoje a questão não está no conteúdo. Acho que hoje a questão está no meta conteúdo, meta conhecimento. De que forma as pessoas pensavam, pensam e constroem conhecimento. Conhecimento está aí. Pega o celular está ali a informação. Como isso foi, é e vai ser construído ao longo da caminhada do homem. Isso é muito importante. É para isso que a gente deve mirar. Deve apontar. Por que é isso que a sociedade do conhecimento hoje está buscando. Essa recomposição, essa transdisciplinaridade.

- Então, você acha positivo o uso de um personagem como mencionado?

- Eu acho muito positivo. Aliás acho que todos os recursos desde que sejam recursos dentro de uma moral e de uma ética, acho que são válidos.

- Você que esse recurso pode invocar algum momento afetivo por parte do aluno, se sente mais emocionado com aquilo?

- Eu acho que sim.

- E isso pode interferir no aprendizado dele de alguma forma?

- De forma positiva. Por exemplo, vou pegar o exemplo do professor (entrevistado anteriormente). Os alunos chegam a esperar o dia da aula para ver qual vai ser a surpresa vai ter. Isso é uma coisa fantástica. E, sim, é uma forma muito positiva. Olha, é aquilo né. O professor tem que se descobrir, ele tem descobrir seu talento. Ele tem que resgatar a sua identidade. Inclusive como profissional. Porque tem muita gente que está tapando o buraco como profissional na área do magistério. No momento que ele realmente se descobrir, resgatar sua identidade de professor e observar seu talento, suas competências, aí, sim, ele vai ser um professor. Ele vai da sua forma apertar os botões do aluno, para ele ser um referencial na vida daquele aluno. Acho que é por aí.

- Esse recurso tem um limite?

- Eu acho que tem que ter um limite. É isso que eu digo sempre, qualquer ação sozinha e desintegrada, ela não vai repercutir dentro de uma rede de ações. É a mesma coisa, assim: tu passa pela madrugada e dá um grito. Vai acordar as pessoas. Só que elas vão virar para o lado e vão continuar dormindo. Agora se cada hora tu for e passar e dar um grito, seguramente as pessoas vão...

- Você já pensou em utilizar algum personagem em sala de aula?

- Não, nunca me passou pela cabeça. Eu não conseguiria colocar um figurino do Issac Newton ou Einstein. Não iria. Nunca me passou pela cabeça. É uma possibilidade, eu ando pensando em fazer um curso de teatro para mim. Para trabalhar um pouco mais minha expressão, acho muito importante.

- Você acha que todo professor poderia ou deveria procurar utilizar tal curso?

- Acho que sim. A gente trabalha com expressão, desde expressão corporal, verbal, escrita. Acho que seria o ponto de partida. A segunda parte é a mensagem, a parte da comunicação. Acho que a gente tem que buscar e hoje cada vez mais. Hoje tu vê um aluno totalmente envolvido com mídias eletrônicas e essas mídias tem uma técnica de concisão. Passa muito para o pouco. E o professor passa pouco para o muito. Enrola demais. Até porque a atenção deles é muito complicada, eles são muito dispersos. Não é um aluno de 20 anos atrás, que fixa a atenção ali meia hora...não, ali cinco minutos eles estão dispersos. É outro sujeito. Então, para esse novo sujeito, a gente tem que aprender com essas questões mais neurocientíficas.

Entrevista: professor *Pantalone*

1) Por que você acha que suas aulas são consideradas boas por parte dos alunos?

- Quando eu faço planejamento para uma aula, eu tento sempre, dentro daquele conteúdo que vai ser abordado, vai ser trabalhado, pensar como eu gostaria de estar sendo ensinado, como eu gostaria de assistir uma aula. E a partir desse ponto, eu parto para fazer o planejamento, o desenvolvimento das minhas ações em sala de aula.

- Você utiliza o humor em aula?

- Olha, eu utilizo bastante ironias, sou bastante sarcástico, não costumo contar muita piada. Quando tem uma piada bem pertinente, relacionada ao tema, eu dou a explicação, trabalho, conto a piadinha, dá uma descontraída, daí já volta para matéria.

2b) Porque você não utiliza tais recursos (humor, figurinos, histórias)?

- Na verdade eu não me sinto muito bem assim, usando figurinos. Já participei de algumas atividades nos cursos pré-vestibulares que eu trabalho e já trabalhei. Existem alguns que exigem durante certos momentos do ano, festa de final de ano, bailão, que tu use um figurino. Mas eu não me sinto confortável. Em sala de aula eu já visto um personagem. Quem me conhece no dia-a-dia, eu não sou a mesma pessoa que trabalha na frente de uma turma. Minha postura é diferente. Meu estilo é completamente diferente. Então, eu já visto um personagem. Mas eu me sinto meio envergonhado ao usar um figurino.

- Esse personagem que você diz que utiliza em sala de aula, ele é espontâneo, ele foi trabalhado, veio com o tempo, descobriu?

- Na verdade assim, eu acho que a nossa prática docente é uma colcha de retalhos. Tu vai tendo aula com muitas pessoas, tu vai coletando algumas coisas boas de cada uma das pessoas, vai montando o teu ser, o teu personagem. O pessoal gosta do teu "Avatar" (risos).

3) Quais estratégias a escola poderia fazer para que o aluno se sinta mais interessado e feliz pelas aulas?

- Eu acho que tudo tem que ser muito bem pensado e adaptado a cada realidade. Cada turma tem as suas características particulares. Por exemplo, existem turmas com grau de imaturidade tão grande, se tu der uma aula um pouco mais descontraída, os alunos acham que é festa e festa, e tu perde o completamente o domínio. Tu tem que ser o norteador, o condutor da aula, tem que permitir em certos momentos uma maior liberdade a eles, para que eles possam buscar, trazer as vivências, mas em determinados momentos tu que tem que ser o norteador, tu que tem que comandar e dar o rumo, a sequência do teu conteúdo. Então, tudo tem que ser muito bem pensando, então, durante o início do ano, tu analisa aquela turma, e nessa análise tu vai traçando de forma mental os planos que tu vai adotar, que abordagens tu vai fazer.

4) Imagine uma aula em que um professor de biologia, que para explicar um conteúdo referente à teoria do naturalista "Darwin", se veste como o próprio "Darwin" e começa a contar a história desse naturalista, encarnando o próprio. O que você acharia dessa aula?

- Com certeza, mas depende do estilo da pessoa. Eu, por exemplo, não me sinto bem. De mim, partiria uma coisa muito forçada ao utilizar essa metodologia. Eu entro, com personagem já forjado, dentro da sala falando sobre a evolução, os mecanismos, sendo bastante crítico quanto às teorias lamarkistas e darwinistas, destacando os pontos positivos e negativos de cada uma delas. Só que existem pessoas que isso flui com tanta naturalidade que fica muito legal, a composição fica bacana. Mas pra mim não funciona. Mas já vi funcionar para várias pessoas.

- Então, você acha positivo?

- Acho positivo, dependendo da situação. Eu já vi colegas vestirem personagens, não da biologia, e darem uma aula muito sem graça. Por que tu percebe que aquilo não flui com naturalidade. Que é uma

coisa que está sendo meio forçada. Até a pessoa, talvez, não esteja se sentindo tão confortável. Teve uma ideia e aceitação não foi muito boa, deu tudo errado.

- Então, você acha que tem um limite?

Acho que tem limite dependendo da tua característica. Se tu tem uma característica no qual dá certo esse processo, acho que ele é muito válido. Mas se isso não é espontâneo, eu acho que é pior e prejudicial.

- Você acha que isso influencia no aprendizado do aluno?

- Com certeza. No momento que tu fornece, proporciona ao aluno diferentes mecanismos, até para despertar a atenção, o interesse, pode ser bastante válido.

- Você que desperta alguma emoção no aluno? Ou algum lado afetivo?

- Em termos afetivos, não necessariamente. O que gera um vínculo afetivo maior é quando aluno sente que tu se preocupa com o aprendizado dele. Isso é o mais importante de tudo. De certa forma esse hábito de se vestir um personagem, de proporcionar uma aula mais descontraída, permite que tu tenha um acesso mais fácil a ele. O aluno fica mais permeável, mais aberto à aproximação do professor. Estabelecer um elo.

- Interesse, talvez?

- Isso, talvez. Aumente a simpatia, mas não necessariamente estabeleça um vínculo ou uma intimidade. O aluno gosta mais quando tu manifesta interesse pelo aprendizado. Se preocupa com ele, do dia-a-dia, se está se sentindo bem ou não.

Entrevista: professor Arlequim

1) Por que você acha que suas aulas são consideradas boas por parte dos alunos?

- Eu sempre falo assim. A história, a minha disciplina é uma ferramenta fantástica. O professor tem que saber usar. Eu sempre mostro para o aluno... de que forma eu trabalho história? Eu trabalho contextualizando a história. O que é contextualizar? É tirar lá do abstrato e trazer para o concreto para que o aluno entenda. Eu sempre digo, inclusive quando a gente trabalha com pré-vestibular, preparando para a universidade federal, para os vestibulares das universidades, a própria UFRGS faz isso no vestibular. Vem com enunciado falando dos povos da mesopotâmia e aí ela compra sobre a guerra do Iraque de 2003. Ou ela vem falando da guerra do Iraque e cobra os povos da mesopotâmia. Então isso é contextualizar. Fazer esse link com a história. Eu acho que isso facilita o trabalho, porque o aluno começa a costurar e entender o passado e o presente. Ele vai entender que a história não está desconectada. Que tudo que aconteceu na história está aí. Eu sempre digo para os nossos alunos que nada de novo na história da humanidade, a não ser o iluminismo, nós somos iluministas. Ainda no século 18, essa mentalidade política, hoje o neoliberalismo. Então isso fica fácil da gente costurar e para que ele entenda. Eu acredito que isso faz que eles entendam e gostem da história. Muitas vezes eu trago uma surpresa, que é um personagem histórico. Eu já faço isso direto. Eu vou trabalhar a questão da revolução francesa, eu tenho um figurino do Napoleão Bonaparte com cavalinho de madeira do meu filho. Então, eu entro em aula. Aí hoje com os recursos que a gente de tecnologia, preparo um PowerPoint. Outro dia peguei no jogo de war, a cena de desenho de Napoleão mandando colocar fogo em tudo. Aí eu toco a marsehesa e entro de cavalinho vestido e dou a surpresa nos alunos. Aí vou trabalhando as questões dos jacobinos, questão política, aí mostro para o aluno a ideia de esquerda e direita. Nisso vamos mostrando com clareza para o aluno e contextualizando. Então a gente vai brincando com a história, contextualizando. Teve uma aula em que eu fui vestido de Tio Sam. Aí eu trabalhei quem é esse personagem. Aí eu fui mostrando o imperialismo dos Estados Unidos, dentro da América latina, como eu falo.

- Isso funciona então?

- Funciona, a gurizada adora. Se liga na aula. E eles pedem né. “qual é o próximo personagem?”. Então, eles vão se empolgando. Então isso é um recuso muito legal da gente usar em sala de aula.

2a) Porque você escolheu utilizar tais recursos pedagógicos em sua aula (humor, figurinos, histórias)?

- Eu dou aula há 25 anos em pré-vestibular. Minha escola foi o antigo supletivo, comecei a dar aula em supletivo, no EJA. Teve uma vez que eu dava aula em supletivo, que tinha um pré, em uma noite faltou um professor e eu estava indo embora. Daí o dono disse para quebrar um galho, dá uma aula ali no pré. E eu fiquei muito assustado, nunca tinha dado aula em pré. Eu fui dar uma aula e a gurizada gostou. Daí o cara acabou me levando para o pré. E no pré-vestibular, eles tem em alguns pré-vestibulares, chamada bailão pedagógico, aula de madrugada, que os professores vão caracterizados. E eu comecei a fazer isso no pré, nesse bailão, assim brincando com os alunos e trabalhando o conteúdo. E foi uma coisa que deu certo. Para tu ter uma ideia hoje eu tenho uma palestra que eu vendo em escolas e cursinhos que é Guerra fria e Rock n'roll. Onde eu pego o movimento de maio de 68 na França, a expansão do marxismo, daí eu falo das feministas, falo desse movimento chegando nos EUA, as panteras negras, movimento hippie, a tropicália no Brasil na década de 60 e eu vou vestido de “hippongo”. Então eu preparei a roupa e aí eu entro em sala de aula e trabalho em cima de Rock. Eu trago Beatles, Rolling Stones, daí eu pego toda essa nova geração, pego os Novos Baianos, Gil, Caetano, daí mostra a questão da ditadura militar. Essa palestra eu fiz baseada em um livro de dois jornalistas norte-americanos, chamado de “Mate-me, por favor”, que ele conta o fim do Rock n'Roll e início do movimento negro. Daí eu vou trazendo toda essa dinâmica nessa palestra. Isso é uma coisa que a galera adora. Tu larga um The Wall (disco do Pink Floyd) lá na tela, a galera vibra. Nós temos meninos que os pais sentiram isso. Então eles conhecem.

- Essa caracterização você explora com algum humor ou não?

- Não. Eu até brinco. Eu entro de “hippongo” e digo “Meu nome é..., beleza?”. Eu faço o personagem. Mas aí, eu vou falar sério. Daí eu vou comentando o conteúdo. Eu faço na abertura aquela sacanagem e depois vou...Eu fiz aqui no colégio, em uma semana cultural, eu apresentei essa palestra para os meus alunos e daí cada grupo pegou um ritmo desses. Um Led, um Pink, um Novos Baianos, daí eu fiz que eles

apresentassem para os pais. Daí os alunos vieram de “hipponga”, meninos negros de Black Power, daí eles apresentaram. Eu fiz a abertura e disse para os pais, que hoje eu não ia dar aula, mas a minha fantástica turma. Então eles pesquisaram, eles mostraram cena do “Hair”. Eles começaram a descobrir “Laranja Mecânica”, entre outros, e começaram a curtir, Daí tu faz o que? Autonomia. O garoto indo atrás, pesquisando e trazendo.

3) Quais estratégias a escola poderia fazer para que o aluno se sinta mais interessado e feliz pelas aulas?

- Eu costumo dizer assim. Quando uma turma não está bem, aprendi isso com um biólogo. Ele dizia que quando uma turma não está bem, sai com eles, faz uma saída de campo, vai para o meio da natureza. E a gente nota que quando a gente sai com o aluno fora da escola, a postura dele é outra. Se ele é um bagunceiro, porque ele está dentro. Imagina hoje temos turmas com 40 alunos num quadrado, um escravo na frente, mal pago, e aquela galera a mil, toda a questão do metabolismo e hormônios, e eles presos ali dentro. Claro, que é chato. Aula de matemática é chato, aula de história é chato. Mas quando sai ou faz algo diferente, a coisa muda. Eu seguida levo os alunos no ginásio ou em um espaço multimídia, um filme por exemplo. Precisa muita prática. Eu sou extremamente crítico dessa educação que temos na escola. E as escolas têm muito esse medo de sair. Por que é assim, porque a formação ainda é religiosa. É um murro. O murro segrega, o murro separa. Aqui eles estão seguros, fechadinhos, não tem drogas, marginalidade. Estão presos.

4) Imagine uma aula em que um professor de biologia, que para explicar um conteúdo referente à teoria do naturalista “Darwin”, se veste como o próprio “Darwin” e começa a contar a história desse naturalista, encarnando o próprio. O que você acharia dessa aula?

- Tem um filme que estou louco para levar que é “Piratas pirados”. Filme de modelagem, do mesmo diretor da “Fuga das galinhas”. Daí eles encontram os piratas do Charles Darwin. Legal a ideia, até para a biologia trazer para a sala de aula. Mas veja bem assim, eu sempre digo para os meus alunos, não é a história, a ciência que se preocupa com a origem do homem. Isso é na biologia. Mas a gente fala da história do hominídeo. Mas, então, não só o Charles Darwin, mas poderia vir de repente um hominídeo.

- Mas o que você acha de uma aula dessa maneira, é positiva, negativa, depende, tem limites?

- Eu acho um recurso positivo e acho que não tem limites. Acho que tem que romper os limites, a gente tem que perceber essas coisas, e tem trazer essa discussão. Para ter uma ideia, no estado de Arkansas nos EUA proibiu a teoria de Darwin nas escolas, é só do criacionismo. Mas o personagem que tu falou tem que fazer.

- Todo professor deve ou pode explorar um personagem?

- Depende da característica da pessoa. Tenho colegas da história que não fazem. Mesmo com os bailões.

- Você acha que isso influencia o aprendizado do aluno?

- Eu acho que facilita, acho importante. Por que tem muito aluno que diz que biologia é decorar nomezinho difícil. E o professor, por exemplo, que tenho colegas que dizem assim “eu não dou o caminho das pedras, o aluno que vai estudar. Não...nós somos os facilitadores. Eu não vou rodar um aluno por causa de um aluno. Não é uma nota que vai me dizer que tenho conhecimento ou não. Eu vou avaliar o todo, isso é uma coisa que tem que mudar na educação. É a nota que avalia? Ou é a participação do aluno, a postura em sala de aula, ou é a tentativa dele em acertar? Ontem entreguei uma prova, a gurizada me pegou na escola “bah professor, olha aqui, eu marquei, mas apaguei na grade, mudei”. Daí o que eu faço, não posso dar ponto para ele. Então, acho tem coisas que a gente pode facilitar, coisas que a gente pode levar o aluno em frente, não ser tão rígido. Daí a gente se questiona “o que é a educação?”, “o que é a avaliação?”. Organizei com o primeiro ano um trabalho e disse formem os grupos. Eles me perguntaram se eu não ia fazer os grupos. Não, não, façam vocês, vocês que conhecem e sabem se gosta do fulano, beltrano, formem e me apresentam. Como? Pode ser teatro, com um vídeo, pode ter um deboche. Ou faz um PowerPoint. Só não quero ninguém com papelzinho, lendo.

- Então, o uso de um personagem é um recurso. Você teve experiência de perder o controle da turma?

- Não, nunca. Eles se mantêm, eles curtem, querem tirar foto depois, todo mundo junto.

- Mas nunca aconteceu de você chegar com um personagem e os alunos não gostarem ou você ver que não deu certo?

- Às vezes o que tu nota, logo que eu entro de repente com um personagem, já chegou a acontecer de alguns ficar assustados, não entender aquilo. Já chegou uma vez de me questionarem. Por que eles às vezes me tiram para antiamericano. Eu não sou antiamericano. Eu sou filho de uma ditadura militar e de uma guerra fria. Mas tenho ideia que os EUA é um império que domina. Eu falo para eles que adora música americana. Daí quando eles me viram de Tio Sam, eles estranharam.

- Você que quando você entra de personagem invoca algum tipo de emoção ou um lado afetivo por parte do aluno?

- A palestra Guerra fria e Rock n´roll, sim. Porque eu mostro muito videoclipe, muitas imagens da época da ditadura. Já tem jovem chorando, as meninas chorando, pelo assunto.

- Mas pelo recurso de personagem?

- Do recurso, sim. Eles acham lindo, o “hipponga”. Eles falam que queriam ter vivido essa época, que legal. Isso que eu escuto. Eu já dei essa palestra também para os pais. Os pais falam “bah queria ter tido um professor assim”. Até porque uma geração dos “coroas” que era uma aula para decorar nome de herói, data. Então, os pais vêm com outros olhos.

- Mas você acha que em nenhum momento pode ser negativo?

- Não. Não tem.

- Você chegou a treinar o uso de personagens?

- Fui nesse madrugada (bailão), brincando com a gurizada e depois levei isso para o colégio. E deu certo no colégio.